UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)

FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FE)

STÉPHANIE ZEITONE FLORÊNCIO

MEMÓRIA EDUCATIVA E PSICODRAMA COMO DISPOSITIVOS PEDAGÓGICOS COMPLEMENTARES

Brasília- DF

2015

STÉPHANIE ZEITONE FLORÊNCIO

MEMÓRIA EDUCATIVA E PSICODRAMA COMO DISPOSITIVOS PEDAGÓGICOS COMPLEMENTARES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob Orientação do Professor Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha.

Brasília - DF

2015

STÉPHANIE ZEITONE FLORENCIO

MEMÓRIA EDUCATIVA E PSICODRAMA COMO DISPOSITIVOS PEDAGÓGICOS COMPLEMENTARES

Comissão examinadora:

Prof. Dr. Paulo Sergio de Andrade Bareicha (Orientador)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profª. Drª Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Katilen Machado Vicente Squarisi

Secretaria de Educação do Distrito Federal

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob Orientação do Professor Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha.

Brasília – DF

2015

TERMO DE APROVAÇÃO

STÉPHANIE ZEITONE FLORENCIO

MEMÓRIA EDUCATIVA E PSICODRAMA COMO DISPOSITIVOS PEDAGÓGICOS COMPLEMENTARES

Trabalho de Conclusão de Curso defendido sob a avaliação da Comissão Examinadora constituída por:

_____

Prof. Doutor Paulo Sérgio de Andrade Bareicha

Orientador

_____

Profª. Drª Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida

Membro Titular – UnB/FE

_____

Me. Katilen Machado Vicente Squarise

Membro Titular – UnB/FE

Brasília – DF

2015

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, autor da vida e grande refúgio e fortaleza nos momentos de tribulação. Sem Ele nada disso teria sido possível, foi Dele que vieram as forças, a sabedoria e a fé, para prosseguir sem desistir.

Agradeço ao meu pai e minha mãe, Marcos José Florêncio e Maria de Fátima Zeitone Florêncio, por acreditarem no meu futuro, por sempre me desejarem o melhor e por se esforçarem, cada um da sua maneira, para demonstrar o amor que têm por mim. Amo vocês, amo muito e amarei para sempre.

Agradeço ao meu namorado, Raimundo Jeodar Rodrigues Martins Costa, por absolutamente tudo. Obrigada pelo apoio incondicional, pela paciência, pela ajuda, por ser meu melhor amigo e companheiro em todos os momentos. Mas obrigada, principalmente, por me fazer acreditar no amor e na reciprocidade infinita da bondade que ele é capaz de proporcionar às nossas vidas. Te amo incondicionalmente.

Agradeço à minha grande amiga de curso Raquel Sampaio Reis, por estar sempre ao meu lado e por me mostrar que a vida pode ser engraçada a qualquer momento. Você foi essencial e fundamental nessa caminhada, quero que saiba que te levarei para sempre comigo e serei eternamente grata pela cumplicidade, carinho e amor que construímos no decorrer desses semestres.

Agradeço ao meu Professor Orientador Paulo Sérgio de Andrade Bareicha, pela boa vontade em me aceitar como sua orientanda em meio a tantos imprevistos e por me encaminhar com tanto zelo, respeito e eficiência. Admiro sua inteligência e sua dedicação à educação.

Agradeço à Professora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira pelo acolhimento, compreensão e amor com que sempre tratou seus alunos. Obrigada pelos direcionamentos, pelas palavras de conforto e pelo carinho que sempre teve para comigo. Quero que saiba que a senhora foi, para mim, uma forte luz em meio às sombras e que a levarei para sempre em minhas lembranças, com muito afeto e admiração.

Agradeço, também, a banca examinadora que se dispôs a ler o meu trabalho e estar presente em um dia tão importante.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa, de natureza qualitativa e enfoque fenomenológico, foi compreender de que maneira o Sociopsicodrama interfere na Memória Educativa dos alunos do 1º semestre do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, e teve como problema norteador o seguinte questionamento: Como o trabalho vivencial interfere na confecção do Memorial Educativo? A Memória Educativa relatada neste trabalho trata-se da escrita, por alunos da graduação em Pedagogia da Universidade de Brasília, do Memorial Educativo exigido no Trabalho de Conclusão de Curso. O Memorial Educativo refere-se à narração das vivências escolares dos estudantes, perpassando a Educação Infantil, o Ensino Fundamental, o Ensino Médio e o Ensino Superior. O Sociopsicodrama, método que tem como proposta trabalhar as relações, tanto individuais, quanto sociais, através do chamado 'teatro espontâneo' - dramatizações que têm como contexto a própria vida do participante - foi utilizado como metodologia para a interferência dessa Memória Educativa, de maneira que ela fosse melhor resgatada e ressignificada. Memorial Educativo e Sociopsicodrama são dispositivos socioeducativos utilizados em diferentes contextos para a ancoragem dos saberes dos alunos. Esta pesquisa procura responder se estas metodologias podem ser trabalhados simultaneamente como dispositivos pedagógicos complementares e qual o resultado obtido. Os participantes dessa pesquisa foram alunos do primeiro semestre do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, que realizaram um Memorial Educativo Inicial, no início do semestre anteriormente as dramatizações, e um Memorial Educativo Final, no final do semestre posteriormente as dramatizações. Como principais resultados percebeu-se diferença significativa, tanto qualitativa quanto quantitativamente, entre os Memoriais Educativos iniciais e os Memoriais Educativos finais, sendo que, este último apresentou um número maior de páginas, de temas, acontecimentos e personagens quando comparado ao primeiro Memorial. Notou-se, também, uma diferença na escrita e nas vivências dos alunos mais velhos quando comparados aos alunos mais novos: narrativa inconsciente a respeito da identificação do 'ser professor' e 'ser sujeito' no decorrer dos períodos escolares.

Palavras–chaves: Memorial Educativo; Sociodrama; Psicodrama; Sociopsicodrama; Pedagogia; Psicanálise.

ABSTRACT

The purpose of this research, qualitative and phenomenological approach nature, was to understand how the Sociopsicodrama interferes with the educational memory of the students of the 1st semester of the Faculty of Education at the University of Brasilia, and took as a guide the following question problem: As the experiential work interfere in the making of the Educational Memorial? The Educational memory reported in this study it is writing for undergraduate students in Pedagogy at the University of Brasilia, the Educational Memorial required at Work Completion of course. The Educational Memorial refers to the narration of the school experiences of students, passing Early Childhood Education, Elementary Education, Secondary Education and Higher Education. The Sociopsicodrama, method that proposes working relations, both individual, and social, through the so-called 'spontaneous theater' - drama whose context the participant's own life - was used as a methodology for interference of this educational memory, so she was rescued and best new meaning. Educational Memorial and Sociopsicodrama youth are devices used in different contexts, so that subjects such as 'Experiential Workshop', among others, are used for experiential methodologies for anchoring the knowledge of the students. This research seeks to answer whether these devices can be simultaneously worked as complementary pedagogical devices and what the result. Participants of this research were students of the first semester of Pedagogy from the University of Brasilia, who conducted an Initial Educational Memorial, at the beginning of the semester before the drama, and an Educational Memorial Final at the end of the semester after the drama. The main results realized a significant difference, both qualitatively and quantitatively, between Educational memorials initial and final memorials Education being that the latter presented a greater number of pages, themes, events and characters when compared to the first Memorial. Also be noticed a difference in the writing and the livings of the older students when compared to younger students, in addition to an unconscious narrative regarding the identification of 'being a teacher' and 'being subject' in the course of the school term.

Key-words: Educational Memorial; sociodrama; psychodrama; Sociopsicodrama; Pedagogy; Psychoanalysis.

SUMÁRIO

PARTE I - MEMORIAL 2
MEMORIAL 3
PARTE II - MONOGRAFIA 12
INTRODUÇÃO 13
Justificativa, Problema e Objetivo 13
CAPÍTULO 1 – MEMÓRIA EDUCATIVA 16
1.1 - Memória 17
1.2 – Memória Educativa 18
1.3 Identificação do Professor 22
CAPÍTULO 2 – SOCIONOMIA 24
2.1 – Métodos Sociátricos: Sociopsicodrama e Axiodrama 27
2.2 – Matriz de Identidade 29
2.3 – Instrumentos, Etapas e Técnicas 32
2.4 Sociopsicodrama e Histórias de Vida 33
2.4.1 Caso Bárbara 34
2.4.2 Protocolos e Contextos 35
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA 37
3.1 Descrição do Procedimento 37
CAPÍTULO 4 – RESULTADOS 40
4.1 Diferenças entre o Memorial Educativo Inicial e o Memorial Educativo Final 40
4.2 Linha da vida dos Memoriais Educativos 45
4.2.1 Educação Infantil 45
4.2.2 Ensino Fundamental 47
4.2.3 Ensino Médio 48
4.2.4 Ensino Superior 49
4.3 Linha da vida dos alunos mais velhos 51
4.4 Identificação do Professor 54

4.5 Identificação dos alunos como sujeitos 57
4.6 Uma Narrativa Sociodramática 58
CAPÍTULO 5 – ANÁLISE E DISCUSSÃO 67
CONSIDERAÇÕES FINAIS 79
PARTE III – PERSPECTIVAS FUTURAS 82
PERSPECTIVAS FUTURAS 83
REFERÊNCIAS 85
ANEXO A 89
ANEXO B 90
ANEXO C 91
ANEXO D 92

Lista de Figuras

Figura 1 – Brecha entre a fantasia e a realidade 30

Figura 2 – Matriz de Identidade 31

Figura 3 – Atividades desenvolvidas na criação do Memorial Educativo 40

Figura 4 - Linha da Vida referente ao período da Educação Infantil 46

Figura 5 – Linha da vida referente ao período do Ensino Fundamental 47

Figura 6 – Linha da vida referente ao período do Ensino Médio 48

Figura 7 – Linha da vida referente ao Ensino Superior 50

Figura 8 - Linha da vida dos alunos mais velhos (período de 1971 a 1990). 51

Figura 9 - Linha da vida dos alunos mais velhos (período de 1992 a 2015). 52

Figura 10 – Etapas do processo da identificação dos alunos como sujeitos. 57

Lista de Quadros

Quadro 1 – Socionomia 26

Quadro 2 – Métodos Sociátricos 28

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Principais temas, acontecimentos e personagens emergentes nos Memoriais Educativos iniciais. 42

Tabela 2 – Principais temas, acontecimentos e personagens emergentes nos Memoriais Educativos finais. 43

Tabela 3 – Identificação do Professor nos Memoriais Educativos Finais 54

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho trata-se da conclusão do processo formativo em nível de graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, tendo como orientador o Professor Doutor Paulo Sérgio de Andrade Bareicha. O trabalho dividi-se em três partes interligadas: memorial, pesquisa e perspectivas futuras.

O memorial discorre a respeito da trajetória escolar e pessoal da autora desta monografia, nesta primeira parte podem ser encontrados escritos pessoais de vivências passadas relacionadas, principalmente, à memória educativa da autora, desde a sua primeira lembrança inserida no âmbito escolar, até o momento da escolha do tema e escrita do Trabalho de Conclusão de Curso da graduação. Nessa parte são ressaltados os momentos e vivências mais significativas que tiveram forte influência quanto ao ingresso na Universidade de Brasília e a entrada no curso de Pedagogia. Também são destacadas as experiências que posteriormente despertaram o interesse no subjetivo humano e a identificação do tema elencado com a Educação.

A pesquisa engloba todo o aparato científico da monografia, desde a revisão bibliográfica até a pesquisa empírica e seus resultados, englobando a definição do tema, sua justificativa, problema, recursos metodológicos utilizados, análise e interpretação dos resultados, discussão e considerações finais. Nessa segunda parte é retratada a monografia propriamente dita, com o objetivo de analisar aspectos do processo de criação do memorial educativo utilizando o Sociopsicodrama como método de resgate da memória, levando-se em consideração como o trabalho vivencial pode expandir a memória dos alunos de maneira que os auxiliem a identificarem-se como 'sujeitos educativos'.

As perspectivas futuras representam as projeções futuras da autora em relação à carreira profissional que dará continuidade após a conclusão da graduação. Na terceira parte estão inseridos projetos, sonhos e planos que fazem parte da constituição de uma futura Pedagoga.

PARTE I

MEMORIAL

MEMORIAL

Nasci no Rio de Janeiro, em 1992. Sou de uma família pequena, sendo filha única e, também, neta única e sobrinha única. O irmão do meu pai e o irmão da minha mãe não tiveram filhos, logo, me tornei a ‘responsável’ pela continuação da linhagem. Vivi no Rio de Janeiro até os meus 7 anos, sempre em companhia dos meus avós maternos e de crianças que também moravam no prédio.

Educação Infantil

Lembro-me pouquíssimo da minha primeira escola, na verdade, apenas duas situações me vêm em mente, a primeira, relacionada a um cartãozinho de Natal que foi enviado para os pais o qual contribuí apenas com uma foto minha, tirada na escola por fotógrafos profissionais. E a segunda, recordo-me de meus pais terem me retirado muito rápido dessa instituição, alegando que a professora batia nos alunos. Não me lembro de nenhuma violência, como disse, não me lembro de quase nada dessa escola, mas me recordo de ouvir meus pais afirmando tal acontecimento e logo após eu já estava matriculada em outro colégio, próximo a minha residência, na Vila da Penha.

Desta instituição não me recordo de momentos específicos, porém, ao tentar resgatar as lembranças de lá, surgem-me infinitas cenas do Jardim de Infância. Momentos brincando com massinha dentro da sala de aula, plantando feijõezinhos com algodão no Pátio da escola, cantando o hino nacional em fileira junto com meus outros colegas de classe e, principalmente, a ida para a escola que quase sempre era feita caminhando de mãos dadas com a minha mãe, nada muito específico, porém, as poucas memórias me trazem bons sentimentos.

Lembro-me, também, de uma terceira escola que frequentei. Minhas memórias de lá relacionam-se à cenas de apresentações, apresentações de dia das mães, apresentações de dia do índio, Páscoa, dia das crianças, festas juninas... Também recordo de chegar em casa diversas vezes com máscaras

confeccionadas na sala de aula, de flores, coelhos, bichinhos... E de passar todo o resto do dia brincando com elas. Lembro-me de ter poucos amigos na escola, não brigava e não criava inimizades, mas lembro-me que sempre preferi ter uma amiga na escola ao invés de fazer parte de grandes grupos – algo que não mudou com o passar do tempo, seja no Ensino Médio ou no Ensino Superior.

Ensino Fundamental

Salvo se minha memória não estiver me enganando, passei por essas três escolas até completar 7 anos. Perto de completar 8, vivenciei um dos momentos mais difíceis para mim: a mudança para outro estado, longe de meus avós e de minhas amigas de infância do prédio. Vim para Brasília pois meu pai, militar, recebeu uma transferência de cargo e isso envolvia um novo local de trabalho e uma nova moradia para toda a família.

Minhas lembranças quanto a essa mudança são relacionadas a sentimentos vivenciados, lembro-me de sentir grande angústia e tristeza, por estar indo morar distante de meus avôs, frequentemente pegava fotos tiradas com eles e as olhava enquanto chorava de saudades. O início foi extremamente difícil e doloroso, afinal, tinha uma ligação muito forte com meus avós e nosso relacionamento havia sido ‘quebrado’ de um dia para o outro. Nos falávamos por telefone frequentemente, porém, nunca era o suficiente para matar a saudade.

Bom, chegando em Brasília, fui matriculada em uma escola católica, ‘Nossa Senhora do Carmo’, onde tive algumas experiências marcantes, mas não tão positivas. Desde pequena fui criada em um meio evangélico, frequentando, junto com meus pais, a igreja e convivendo com pregações televisionadas em casa. Ao me deparar inserida em um colégio católico, com pouca maturidade e ensinada de que ‘o certo’ era apenas o que era pregado na igreja que eu frequentava e o que meus pais me diziam, ficava totalmente deslocada em variadas situações que faziam parte do cotidiano da escola. Lembro-me que toda semana tínhamos que ir para uma espécie de ‘templo’ que ficava dentro da própria escola. O lugar era cercado de imagens (algo não

acolhido pela igreja evangélica) e cada aluno tinha que ter, obrigatoriamente, seu terço para rezar algumas orações. Eu era a única aluna que não tinha terço e, toda semana, nos momentos das rezas, eu abaixava a cabeça, fechava os olhos e fingia estar rezando também. Porém, não o fazia de fato, já que não se tratava da minha religião. Acredito que minha vivência nessa escola tenha sim contribuído para a minha formação, como pessoa, de forma positiva, afinal, com o meu olhar atual, julgo a escola muito bem organizada e fundamentada, porém, como lembrança, vivência e experiência, o que foi citado é o que mais me vem em mente, sendo o fator que mais marcou minha jornada nessa instituição. Nessa época, lembro-me de ter como 'sonho profissional' uma carreira como artista de novela e de ficar ensaiando, de frente para o espelho, falas de personagens de novelas que assistia na época, como Malhação e Chiquititas. Quanto aos meus pais, principalmente a minha mãe, lembro-me deles falando que o sonho deles era ter uma filha formada em direito. Na época, isso não fazia muito sentido para mim.

Não me lembro o tempo correto, mas acredito que tenha ficado na escola católica por um período de um ano a um ano e meio. Após esse período, fui matriculada no Colégio Militar Dom Pedro II, a escola militar do Corpo de Bombeiros. Não houve nenhum motivo específico referente a antiga escola para que meus pais me retirassem de lá, o motivo foi referente a nova escola, que tinha 'fama' de ser boa, despertando o interesse dos meus pais, além do fato dela ser uma instituição militar e isso acabar chamando a atenção do meu pai que já era inserido nesse meio.

A transição de um colégio católico para um colégio militar foi bem densa e angustiante. Eram dois espaços totalmente diferentes que me exigiram uma rápida adaptação. No católico precisei criar estratégias para que eu me inserisse naquele espaço o máximo que desse de forma que eu não me sentisse 'desrespeitando' a minha religião. No militar as estratégias foram criadas para que eu me encaixasse nas normas determinadas pela escola, normas estas essenciais de serem seguidas para a minha permanência na instituição, que, por ser militar, era extremamente rígida quanto ao respeito e cumprimento das regras.

As normas da nova escola eram voltadas, principalmente, para a disciplina e para a padronização da farda e dos cuidados referentes ao uso desta, como estar sempre limpa, passada e completa, além dos cuidados com o cabelo (que deviam estar sempre presos, ou de coque ou rabo de cavalo), os brincos não podiam passar do lóbulo da orelha, as unhas não podiam ser cumpridas e nem pintadas de cores escuras, além dos sapatos, que tinham de estar sempre brilhosos e bem cuidados. Além das disciplinas básicas ofertadas nas escolas, eu também tive, até a antiga 4ª série, aulas de xadrez, além de ter uma disciplina totalmente voltada para questões militares, como marcha, corrida padronizada, comandos, hinos, dentre outros. Essa disciplina fez parte de toda a minha formação.

No primeiro ano na escola, mais ou menos da metade da antiga 3ª série até a metade da 4ª e início da 5ª, lembro-me que minha mãe quem ajeitava minha farda e fazia meu café da manhã (precisava acordar em torno de 5h, pois ia para a escola de escolar e ele passava na minha casa em torno de 6:10h). Minhas responsabilidades aumentaram quando eu me tornei a responsável pela manutenção do meu uniforme. Todas as noites, antes de dormir, eu separava a minha farda, cinto, meia e sapato. Quando necessário, passava o que estava amarrotado, polia o sapato e ajeitava o que mais precisasse. Também arrumava a minha mochila, com os livros do dia seguinte, cadernos, materiais e trabalhos, todos os dias. O café da manhã também ficava por minha conta, a responsabilidade havia aumentado significativamente.

Essa escola foi extremamente marcante na minha vida, foi nela que passei a maior parte do meu período escolar, concluindo o Ensino Fundamental e Médio. Sobre as milhares de vivências que tive, a que mais me recordo é em relação a minha paixão pela escrita, especificamente a escrita que traduz sentimentos, que transparece emoções. Justamente por adorar escrever, na 8ª série me inscrevi em um concurso nacional que tinha como tema ‘a mulher brasileira’, em que os participantes deveriam escrever um texto de livre formato sobre o tema. Meu professor de português da época era quem me orientaria quanto a esse concurso, treinando a escrita comigo e corrigindo meu texto final. Lembro que acabei escrevendo um texto com rimas, demorei cerca de duas horas para estruturá-lo. No dia seguinte, ao mostrar para meu

professor, sua primeira reação foi me questionar de onde eu havia retirado aquele texto, afirmando que cópias eram proibidas no concurso e que isso poderia prejudicá-lo, além de negativar o nome da escola. Chateada, lhe expliquei que eu quem havia escrito o texto, sem consultas e muito menos cópias de qualquer lugar. Lembro-me dele afirmando que uma menina da 8ª série não poderia escrever algo como aquilo, me dizendo, alguns dias depois, que não haveria mais o concurso. Na época, anos atrás, me senti extremamente chateada e desanimada, hoje, percebo como a atitude desse professor foi triste e desmotivadora, bem distante de uma atitude, no mínimo, didática.

Ensino Médio

Alguns anos depois, já no Ensino Médio, minha experiência de motivação em relação a escrita foi outra, completamente diferente. No ensino médio passei a ter a disciplina de Literatura e, lembro-me bem, que eu mal piscava durante as aulas, principalmente quando a professora recitava textos, poemas e versos dos autores que estavam sendo estudados. Todas aquelas palavras e sentimentos me fascinavam, cada palavra parecia estar ali para cada pessoa, acreditava que aqueles textos tinham a capacidade de tocar quem os ouvia ou lia e, assim, ajudar, de alguma forma, quem estava tendo este contato com eles, era a minha aula predileta. As vezes, no final da aula, continuava conversando com a professora sobre autores que mais me chamavam atenção, como, por exemplo, Augusto dos Anjos e Clarice Lispector que, até hoje, desde a época da escola, continuam sendo um dos meus escritores prediletos. Através das conversas com essa professora e de suas aulas, surgiu um novo sonho de carreira: ser escritora. Comecei a escrever textos e publicá-los na internet. Quando dei por mim, minha página virtual já estava com mais de 50.000 curtidas, somadas a várias mensagens de leitoras agradecendo por eu tê-las ajudado através dos meus textos. A cada mensagem de agradecimento, eu me sentia completa, pois era o que eu mais sentia vontade, ajudar as pessoas através das palavras, fazê-las enxergar que não estavam sozinhas, que aquilo que estava acontecendo na vida delas não

era o fim do mundo, que alguém sabia como elas estavam se sentindo e que, principalmente, alguém as estava confortando, mesmo que indiretamente.

Enquanto eu estava imaginando e idealizando meu futuro como escritora e já almejando realizar uma faculdade de Psicologia, meus pais estavam almejando e idealizando a filha advogada que eles tanto gostariam de ter. Por isso, no final do Ensino Médio eles me matricularam em um cursinho pré-vestibular, para que eu prestasse o vestibular da UnB para Direito. Sempre tentei respeitar minha família o quanto desse e, na época, me sentiria desrespeitando meus pais se eu não seguisse os planos deles para o meu futuro. Porém, como o esperado, não consegui passar para Direito. Fiquei dois anos no cursinho, mas não tinha nenhuma motivação para estudar já que eu sempre prestava o vestibular para um curso que eu não queria.

Após dois anos no cursinho, prestando vestibular e também fazendo Enem, em 2011 a UnB abriu a oportunidade das vagas remanescentes para aqueles que haviam realizado o Enem. Dentre os cursos que estavam na lista, o que mais me chamou a atenção foi Pedagogia, devido ao seu currículo conter algumas disciplinas que envolviam parte da Psicologia. Antes de tentar concorrer a uma das vagas, conversei com meus pais a respeito para saber se eles concordavam com aquela decisão. Após muita conversa, eles acabaram concordando e eu me inscrevi para as vagas remanescentes, ingressando na UnB no segundo semestre de 2011.

Ensino Superior

Meu percurso no curso de Pedagogia, até o momento, foi bem básico, realizei apenas as disciplinas obrigatórias do curso, pouquíssimas optativas da Faculdade de Educação e parte do restante dos créditos investi em disciplinas da Psicologia. Durante a minha formação, tive a oportunidade de estagiar no Hospital Sarah durante três semestres, me dando um grandíssimo aporte quanto a prática de algumas teorias que havia estudado na Universidade, principalmente quanto a Teoria Sócio Cultural, de Vygotsky. Esse estágio foi fundamental para a minha formação, afinal, foram três semestres em que eu pude estar vivenciando, fora de um contexto escolar, as

relações sociais infantis, o desenvolvimento, a aprendizagem, a organização mental, a capacidade e importância da metacognição, dentre outros, contribuindo diretamente para a minha formação não só como futura Pedagoga, mas também como pessoa.

Essa experiência de estágio, apesar de ter sido extremamente positiva para a minha vida de uma maneira geral, não me despertou vontade de trabalhar com crianças. Por isso, ao chegar no meu Projeto 4, fase 1, recorri a um estágio que me aproximasse mais das questões subjetivas dos sujeitos, que me aproximasse mais das relações sociais, me afastando e desfocando da alfabetização e da docência em si. Realizei a fase 1 em uma escola pública de Ensino Médio, inserida na Orientação Educacional. Durante um semestre observei e participei de atendimentos realizados pela Orientadora, ora com os alunos, ora com os pais desses alunos e me sensibilizei e me encantei pela profissão. Ela ajudava as pessoas, as fazia enxergar que seus problemas tinham solução e que elas não estavam sozinhas, tudo isso contextualizado em um ambiente escolar. Havia terminado esse estágio com felicidade e, de certa forma, realizada, por ter finalmente me encontrado na Pedagogia.

Passado um semestre, ao procurar orientador para a minha fase 2 do Projeto 4, não consegui encontrar ninguém que me desse um suporte quanto a continuação da minha fase 1 na Orientação Educacional. Me vi completamente desesperada, já que a minha professora orientadora da fase 1 havia se aposentado e todos que eu recorria me falavam que a fase 2 era obrigatoriamente dentro da sala de aula, ministrando aulas. Eu nunca havia me interessado pela docência, nunca havia investido na minha formação para seguir a carreira e, no final do meu curso, me vi obrigada a entrar na sala de aula sem nenhum suporte, experiência ou noção do que fazer. Me senti bastante desnorteada, pois ninguém parecia me ouvir ou sequer tentar entender a minha situação, apenas me diziam que eu era obrigada a entrar na sala de aula e ministrar aulas para as crianças e que, caso eu não o fizesse, simplesmente não poderia me formar.

Ao relatar a minha situação e desespero para a Professora Tereza Cristina, me surpreendi pelo acolhimento e atenção que ela me deu. Em apenas uma conversa com ela me senti muito mais tranquila a respeito da idéia

de entrar, pela primeira vez, em uma sala de aula. Ela respeitou todos os meus receios, atitude esta fundamental para que eu conseguisse me situar na situação, buscar coragem e informações e, assim, estagiar na escola e ministrar uma aula caso fosse necessário.

Realizei a Fase 2 do Projeto 4 em uma escola pública localizada na Asa Norte com uma turma de 3º ano. Entrar pela primeira vez em uma sala de aula como futura profissional, foi, sem dúvida, uma experiência indescritível e surpreendente. Vivenciar tantas questões relacionadas desde a aprendizagem até as relações sociais presentes naquele ambiente foram fundamentais para que eu enxergasse a docência com outros olhos e repensasse em alguns princípios pessoais, porém, não foram suficientes para me despertar o desejo de ser professora e seguir carreira como docente, na verdade, percebi que essa profissão requer muito mais do que desejo, requer um dom, e, por acreditar em dons, também acredito que este não seja o meu. Acredito que estamos vivos para ajudar as outras pessoas a viverem de alguma forma, e esta ajuda à sociedade seria, na verdade, o dom em sí, a vocação que todos nós temos e a minha, acredito eu, esta mais ligada as questões subjetivas das pessoas.

Encerrado o Projeto 4 Fase 2, optei por continuar com a orientação da Professora Tereza Cristina para o meu Projeto 5, o tão esperado Trabalho de Conclusão de Curso. Como ela já sabia dos meus interesses, conversamos e chegamos ao tema ‘Construção do Subjetivo do Pedagogo em Formação’, que elencaria com a Educação, assim como com a minha paixão pelo subjetivo.

Após ter iniciado as leituras e a escrita sobre o tema, recebi a triste notícia de que a Professora Tereza estava sendo afastada da Faculdade de Educação devido a problemas graves de saúde. Receber essa notícia foi impactante de duas formas, primeiro por saber que uma pessoa tão linda como a Professora Tereza estava enfrentando algo tão terrível em sua vida e, segundo, por me encontrar no último semestre sem uma orientadora para minha monografia.

Frente ao segundo fato citado anteriormente, eu e mais algumas colegas de curso passamos por dias de aflição aguardando o posicionamento

da coordenação quanto a nossa situação. Após alguns dias, a Professora Maria Emilia e Cristina nos receberam e nos ajudaram eficientemente, distribuindo os alunos para outros professores de acordo com o tema de cada um. Diante disso, ao perceber que meu tema tratava-se da subjetividade, a Professora Maria Emilia acabou me encaminhando para o Professor Paulo Bareicha, meu atual orientador do TCC.

Em nosso primeiro encontro, expliquei para o Professor Bareicha meus interesses e já havia até mesmo pensado em outro tema, diferente do tema que havia sido discutido com a Professora Tereza, na verdade, me encontrava um tanto perdida e desorientada. Durante nossa conversa o Professor me propôs alguns temas possíveis referentes ao meu interesse no subjetivo, tendo em vista o pouco tempo que teríamos para realizar a pesquisa e concluí-la no prazo com êxito. Diante disso e durante a conversa, o tema a respeito da Memória Educativa e Psicodrama acabou me chamando atenção, já que trata-se de parte constituinte do subjetivo dos sujeitos e seria uma excelente pesquisa para ser realizada durante as aulas ministradas pelo Professor Bareicha na Faculdade de Educação. O conteúdo da monografia foi, então, decidido e começamos a trabalhá-lo.

Encerro este memorial com grande expectativa sobre a pesquisa, os novos conhecimentos a respeito do subjetivo que serão descobertos e o impacto que todos estes acontecimentos finais da graduação causarão em minha vida e, consequentemente, na vida das pessoas que convivo.

PARTE II

MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

Desde o ano de 2004 o Currículo do curso de Pedagogia sofreu alterações que acabaram por incluir no Projeto Acadêmico um pré-requisito fundamental para a conclusão da Graduação: a escrita de um Memorial Educativo como parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso.

> É importante que o aluno seja orientado desde o inicio do curso a elaborar um memorial que contemple sua trajetória, perspectivas, dificuldades, iniciativas, descobertas. Caberá ao professor encarregado da orientação acadêmica em cada momento de seu itinerário no curso o acompanhamento desses registros. (Faculdade de Educação da UnB.Documento Base da Implantação do Projeto Acadêmico (circulação interna), 2003).

Essa mudança ocorreu devido a uma exigência do MEC, com a finalidade de se extinguir as habilitações em Pedagogia (magistério para início de escolarização, magistério para o 2º grau, orientação educacional, educação especial, administração escolar e inspeção de ensino), transformando a Pedagogia em uma licenciatura generalista que abarcasse todos esses conhecimentos.

Nesse sentido, por exigência do MEC, é que foi constituída comissão para propor novo currículo ao curso de Pedagogia da UnB.

Justificativa, Problema e Objetivo

Ao deparar-me com a minha própria dificuldade em realizar a monografia, precisei observar outras monografias, sendo que a primeira parte de todas as outras monografias diziam respeito ao Memorial Educativo. Ao ler alguns Memoriais e me deparar com o momento que eu escreveria o meu, senti certo incomodo sobre como o faria e certa dificuldade quanto ao resgate e escrita das minha memórias. As dificuldades e idéias advindas dessas observações me fizeram almejar em trabalhar minha monografia sob uma perspectiva de quem já estava produzindo o Memorial Educativo com os alunos, por isso, a matéria ‘Investigação Filosófica’ foi escolhida como o campo de investigação dessa pesquisa, onde o Professor Paulo Bareicha já estava produzindo com os alunos atividades referentes à Memória Educativa, tendo

como trabalho final da disciplina a própria escrita do Memorial Educativo dos estudantes.

Tendo em vista a escrita do Memorial como, de certa forma, um ‘pré-requisito’ para alcançar o diploma de graduação, percebeu-se a importância da elaboração da escrita desta parte da Monografia e a necessidade em se fazer um trabalho que tivesse como objetivo o foco no próprio Memorial Educativo, explorando alguns aspectos do seu processo de criação.

A Memória Educativa trata-se de um dispositivo que exprime a dimensão histórica do sujeito-professor e das vicissitudes do seu processo de formação, sendo importante atualmente para a compreensão da prática docente e da sua dimensão inconsciente. Segundo Nóvoa (1992), a identidade não é um dado adquirido ou um produto, mas um lugar de lutas e conflitos, um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão, ou seja, a maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como indivíduos quando exercemos o ensino.

Bomfim e Chauvet (2010) afirmam que, através da Memória Educativa, os professores têm a possibilidade de relatar e escrever suas trajetórias como alunos, nos diferentes níveis da instituição escolar e, a partir disso, torna-se possível que haja uma reflexão sobre aspectos e marcas inscritas ao longo de suas histórias de vida, reconhecendo a sua importância na escolha docente e formação de suas singularidades dentro da prática pedagógica.

Sob uma perspectiva de importância da construção do Memorial Educativo, tem-se, de um lado, a sua obrigatoriedade e, em contrapartida, a carência de momentos que, no decorrer do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, possibilitem aos alunos resgatar essa memória, refletindo desde a sua graduação a respeito da sua identidade como futuros Pedagogos. A relevância deste estudo apresenta-se justamente por se tratar de uma pesquisa que busca a compreensão da Memória Educativa para a prática pedagógica – prática esta que está transpassada de relações da ordem do inconsciente construídas durante o trajeto escolar dos atuais professores – explorando aspectos significativos dessa escrita em um ambiente propício para a sua confecção.

> Aquilo que era mais surpreendente, novo e espetacular de ver e sentir no palco apresenta-se aos participantes, após uma completa exposição, como um processo que lhes é familiar e intimamente conhecido – como o próprio eu de cada um deles. O Psicodrama confirma a própria identidade deles como num espelho. (Moreno, 1978, p.21).

Tratando-se do ambiente favorável para a escrita do Memorial, este trabalho contempla o Sociopsicodrama como meio de auxílio de resgate da Memória Educativa dos alunos, identificando o efeito que o contato com as emoções proporcionado pelo método causa na escrita da memória dos alunos.

Sociopsicodrama é um método que varia apenas sobre a quantidade de pessoas envolvidas na ação. Quando uma pessoa exclusivamente leva sua própria história e dá continuidade nela até o final independente do contexto e da participação da sua história na história dos outros, trata-se do Psicodrama, onde ocorre a dramatização da vida de uma pessoa, conforme a narrativa que ela impõe e a direção que o professor oferece para que isso seja desenvolvido. Porém, a partir do momento que essa narrativa individual é apropriada por outras pessoas, tornando-se não mais apenas uma história individual em jogo, mas, sim, algo que impacta a todos, trata-se de um Sociodrama, onde todos os outros têm algo a dizer sobre aquela história, transformando um personagem individual em um personagem coletivo, onde todos sentem, sofrem, e acabam contribuindo sobre aquela história de alguma forma.

Neste sentido, o objetivo geral da pesquisa é compreender de que maneira o Sociopsicodrama interfere na Memória Educativa dos alunos do 1º semestre do curso de Pedagogia da UnB.

Como problemática norteadora da confecção deste trabalho, tem-se o seguinte questionamento: Como o trabalho vivencial interfere na confecção do Memorial Educativo?

O interesse no tema relacionado à Memória Educativa e ao Psicodrama surgiu de uma grande paixão pessoal pelo subjetivo humano e pela convicção de que somos moldados conforme nossas experiências, de forma que o que somos no presente, trata-se de um reflexo do que vivenciamos no passado. Almeida (2002) afirma que o professor passou muito tempo em contato com seus professores enquanto aluno, assim como com os colegas, conteúdos e rituais específicos que moldaram o seu processo de

ensino-aprendizagem e a sua singularidade como docente. O resgate dessa Memória Educativa promove uma reflexão da identidade, possibilitando um autoconhecimento de maneira que também torna-se possível uma ressignificação e reestruturação da própria história individual e das relações sociais que fazem parte do cotidiano do sujeito.

É possível encontrar diversas pesquisas relacionadas à Memória Educativa – Almeida e Rodrigues (1998); Oliveira (2007); Costa (2011) – principalmente as que relatam a relação do percurso escolar do sujeito com a sua profissão atual. Tratando-se do Sociopsicodrama, geralmente, ao se falar neste tema, tem-se imediatamente uma relação com a Psicoterapia, devido a grande quantidade de publicações existentes escritas por psicólogos e psiquiatras. Este trabalho torna-se relevante devido à pesquisa relacional de ambos os temas com a Educação, proporcionando à prática pedagógica um entendimento fundamentado em um método de pesquisa e intervenção das relações, diretamente ligado à construção de uma escrita tão importante e essencial não só para a finalização da graduação, mas também para a própria identificação dos futuros pedagogos como profissionais educadores.

CAPÍTULO 1 – MEMÓRIA EDUCATIVA

> “é difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres” (Freud, 1914, p. 248)

1.1 - Memória

A origem etimológica da palavra 'memória' provém do latim, e tem como significado a faculdade de reter e/ ou readquirir ideias, imagens, expressões e conhecimentos adquiridos anteriormente remetendo-se as lembranças, recordações do passado - reminiscências (Cardoso, 2000).

Segundo Oliveira (2007),

> A memória é uma função com base evolutiva que determina quem somos e como devemos nos comportar. É uma das funções cognitivas que definirá como trataremos nossa prole, como voltaremos para casa após um longo dia de trabalho, ou se reconheceremos ou não as pessoas que nos rodeiam. Portanto, define também nossos comportamentos e personalidade. (p.20)

Tem-se, então, a memória como parte da nossa constituição como sujeitos singulares e movidos por uma subjetividade única. A nossa memória, mesmo que proveniente de vivências passadas, também faz parte de quem somos no presente ou de quem seremos no futuro.

Almeida (2011), ressalta que o desenvolvimento do conceito de memória ocorreu convergentemente ao desenvolvimento da própria psicanálise, assim como da humanidade, destacando que vinte e quatro séculos antes da criação freudiana, Aristóteles já reconhecia o lugar essencial que a memória ocupa.

Em seus primeiros registros traduzidos, especificamente na ‘Etiologia da Histeria’, Freud descreve seus primeiros passos em direção ao real fator determinante que advém às histerias, colocando a memória como um lugar desconhecido de uma história significativa que não é facilmente visualizada, porém, quando resgatada é capaz de instigar e, assim, abrir a possibilidade de descobrir o que ainda estava encoberto, fornecendo o acesso a novas informações pertencentes ao passado, mas que constituem o presente e o futuro do sujeito.

> Imaginemos que um explorador chega a uma região pouco conhecida onde seu interesse é despertado por uma extensa área de ruínas, com restos de paredes, fragmentos de colunas e lápides com inscrições meio apagadas e ilegíveis. Pode contentar-se em inspecionar o que está visível, em interrogar os habitantes que

> moram nas imediações — talvez uma população semibárbara — sobre o que a tradição lhes diz a respeito da história e do significado desses resíduos arqueológicos, e em anotar o que eles lhe comunicarem — e então seguir viagem. Mas pode agir de modo diferente. Pode ter levado consigo picaretas, pás e enxadas, e colocar os habitantes para trabalhar com esses instrumentos. Junto com eles, pode partir para as ruínas, remover o lixo e, começando dos resíduos visíveis, descobrir o que está enterrado. Se seu trabalho for coroado de êxito, as descobertas se explicarão por si mesmas: as paredes tombadas são parte das muralhas de um palácio ou de um depósito de tesouro; os fragmentos de colunas podem reconstituir um templo; as numerosas inscrições, que, por um lance de sorte, talvez sejam bilíngües, revelam um alfabeto e uma linguagem que, uma vez decifrados e traduzidos, fornecem informações nem mesmo sonhadas sobre os eventos do mais remoto passado em cuja homenagem os monumentos foram erigidos. (Freud, 1986, vol. III, pág. 189).

O trecho acima refere-se a uma metáfora a respeito dos sintomas da histeria, que são determinados por experiências traumáticas, sendo reproduzidas na vida do indivíduo através de símbolos mnêmicos. Por isso, Freud elucida a importância de fazer com que a atenção do sujeito retroaja desde o seu sintoma, até a real cena traumática na qual o sintoma surgiu. Percebe-se, mais uma vez, uma memória 'desconhecida' responsável por parte de um comportamento atual, uma memória diretamente ligada e constituinte do sujeito presente.

A memória freudiana é colocada por Almeida (2011), relacionando-a com a memória escolar, da seguinte forma:

> A memória do inconsciente à qual não temos acesso direto, mas nossas experiências e pesquisas sinalizam para a possibilidade de pensar a memória do professor como um enigma a ser decifrado, que através dela alguma verdade possa se insinuar, ou seja, como o passado escolar se constitui também em matéria-prima que nos permita em suas trilhas encontrar marcas que evidenciem suas relações com o saber e conhecimento.

Percebe-se, então, uma memória escolar que continua a permear a construção das experiências atuais, relacionando-se entre o saber e o conhecimento do sujeito.

1.2 – Memória Educativa

Para a Psicanálise, como visto anteriormente, precisa-se ter uma memória, um sentido do que se fez no passado para que se tenha um sentido no que será feito no futuro. Se não se tem consciência do passado, as ações vão sendo sujeitas a forças do inconsciente, impulsos, coisas que se faz porque não há entendimento do que passou. Então, quanto mais claros os fatos que aconteceram, melhores serão as decisões do futuro.

A Memória Educativa relatada neste trabalho trata-se da escrita, por alunos da graduação em Pedagogia da Universidade de Brasília, do Memorial Educativo exigido no Trabalho de Conclusão de Curso. A Memória Educativa foi pensada para que o aluno tivesse uma apreensão da sua realidade, para que investigasse sobre si mesmo e sobre suas escolhas de maneira que fosse possível que este estudante fosse se encontrando no decorrer do curso, de forma que, no fim, ele pudesse ter a consciência de quem ele é e o porquê de suas escolhas.

> ... no Projeto 5, TFC, o graduando em Pedagogia deverá dedicar-se sobretudo a elaboração do seu Trabalho Final... E, registre-se, este trabalho pode conter muito de um memorial no qual o graduando registre e analise seu próprio itinerário dentro da FE, refletindo sobre seu próprio processo formativo e delineando seu projeto profissional e dimensionando sua formação continuada.' (Faculdade de Educação da UnB.Documento Base da Implantação do Projeto Acadêmico (circulação interna). Brasília, 2003).

Falar e escrever sobre esta memória reúne detalhes de lugares desconhecidos ou às vezes aparentemente esquecidos, buscando significações ou ressignificações de histórias não claramente visíveis. Envolve vivências escolares e educativas experienciadas pelos sujeitos durante o seu período escolar, ora coletivas, ora individuais, abrangendo seus relacionamentos, amizades, momentos, processos de aprendizagens, saberes adquiridos, sentimentos vivenciados, proporcionando não apenas um resgate de todas essas vivências, mas, também, a reflexão delas como partes constituintes do indivíduo.

A Memória Educativa pode ser vista como um instrumento ou dispositivo que expressa a perspectiva de história do sujeito e das contingências do decorrer da formação, permitindo o reconhecimento das imagens do passado ao haver um resgate da história, não apenas como uma

história passada, mas uma história passada que ainda faz parte da construção da nova história vivenciada no presente.

Para Almeida (2012), os Memoriais Educativos são “narrativas de um sujeito psíquico constituído em suas relações humanas e sociais” e trabalhar com esses memoriais é “reconhecer seus laços com as histórias de vida do sujeito e os desafios enfrentados com as complexas relações entre objetividade e subjetividade.” Ainda segundo a autora, trabalhar com a Memória Educativa “é reconhecer que esta se situa na fronteira entre a objetividade e subjetividade por isso a exigência de estar atento a polifonia e as formas com que as lembranças são construídas.”

Segundo Costa e Almeida (2010) o uso da Memória Educativa “significa uma possível emergência mínima do sujeito da enunciação e provoca efeitos no que tange à re-significação das vivências de cada trajetória de vida.” Tratando-se do tema em questão, é possível encontrar diversos estudos e pesquisas relacionados a percepção da construção da identidade profissional, principalmente com o envolvimento de professores atuantes e/ou em formação como sujeito e possuidor de uma história escolar iniciada a partir dos primeiros anos de sua inserção no campo da educação institucional e sistemática (Almeida, 2003, apud Nascimento, 2011).

Bueno (2003), afirma que:

> Alguns autores, ao investigarem temas relacionados às representações de professores sobre a profissão docente e à escolha do magistério, argumentam que o percurso que conduz certos indivíduos a esta profissão tem raízes em suas histórias mais remotas de escolarização e, até mesmo, no período que antecede a entrada na escola.

Autores que escrevem sobre o tema mostram que existe uma relação quanto à escolha profissional e a particularidade da história de cada sujeito, história esta que é construída através de processos inconscientes, assimilações contínuas e diversas, além da necessidade de ocupar um espaço no âmbito social. Admite-se “que o professor possui uma formação anterior adquirida "ambientalmente" (Carvalho 2001, apud Almeida 2002).

Percebe-se uma memória escolar do próprio professor capaz de ser decifrada de maneira que possibilite a compreensão de aspectos atuais entre o

que se sabe e o que se conhece, estabelecendo uma relação entre a memória de uma vivência enquanto aluno e a vivência atual da escolha profissional enquanto docente. Segundo Almeida e Rodrigues (1998, apud Costa e Almeida, 2011), a Memória Educativa proporciona, além de uma volta ao passado, através da trajetória do indivíduo como estudante, a compreensão das relações educativas que foram experienciadas, de maneira que produziram resultados nas características de sujeito-aprendiz, integrando, também, o exercício da profissão atual.

> É possível pensar a memória educativa como a palavra contida na enunciação mínima do professor, com poder também de construir uma verdade histórica, de produzir uma nova relação com o vivido e possibilitar um presente que não esteja retido no passado, construindo e (re)construindo a sua identidade de educador, rompendo com práticas repetitivas e mecânicas. Enfim, a aposta teórico-prática da elaboração da memória educativa visa alcançar o objetivo de desencadear um processo no qual o professor atuante e/ou em formação possa fazer as pazes com a criança que está dentro dele. (Almeida, 2012)

A Memória Educativa trata-se, então, de um dispositivo que pode ser utilizado para que o sujeito reveja o que fez em um determinado momento, resgatando, principalmente, elementos infantis, já que, tratando-se desta pesquisa, fala-se em alunos que em sua grande maioria ingressam na Universidade com 17, 18 anos, logo, suas memórias serão relativas à infância e à adolescência.

O Memorial Educativo é feito através da escrita do passado e de momentos marcantes no decorrer da vida, fatos bons ou ruins. Para esta pesquisa, dá-se preferência para um Memorial escrito baseado em uma estrutura temporal (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior), onde os períodos de vida são divididos de maneira que o sujeito realize uma pesquisa sistemática sobre a sua história, tornando as memórias mais claras e fáceis de serem acessadas.

O Memorial Educativo é realizado no final do curso devido à decisão por quem realizou o Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia sob a perspectiva de que os alunos não deixassem a Pedagogia sem fazer essa reflexão. Por isso, seria utilizada uma parte do trabalho final para que os estudantes realizassem uma reflexão a respeito de suas memórias e sua

trajetória, seguido de uma reflexão científica e, posteriormente, uma reflexão futura a respeito de suas perspectivas, que seria o complemento das duas reflexões anteriores. Ao realizar ou, pelo menos, iniciar o Memorial Educativo no início do curso, tem-se um aluno que acaba de finalizar três ciclos de aprendizagem, a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, encontrando-se no início do Ensino Superior, que seria o quarto ciclo. Tem-se, então, um estudante que já possui uma opinião considerável sobre a Memória Educativa vivenciada até o momento para começar o processo de resgate e análise de suas lembranças.

Lajonquière (1996), mencionado por Almeida (2012), afirma a necessidade em se saber do passado para que não se morra subjetivamente. É fundamental que se tenha uma história para poder sustentar-se, construindo uma ‘verdade histórica’ de maneira que seja possível uma recriação da relação com o vivido. Diante disso, percebe-se a memória como constituinte da subjetividade do ser humano, onde, a partir da sua reflexão, torna-se possível a ressignificação do sujeito como participante ativo e criador da sua história.

A escrita de uma Memória Educativa pode fornecer elementos que podem ser trabalhados de maneira que torne possível uma recolocação dessa vivência para que ela tenha um novo significado, utilizando-se metodologias de recolocação da memória, como, por exemplo, o Sociopsicodrama, método utilizado nesta pesquisa.

1.3 Identificação do Professor

De acordo com Freud (1921, apud Segunda, 2011) a identificação é a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. A identificação relaciona-se a um sentido inconsciente de apoderamento do outro.

Os professores que fazem parte da nossa trajetória educacional, principalmente os professores do início da escolarização, são aqueles com os quais nos identificamos e projetamos nossos afetos, já que, geralmente, são eles os adultos que passam a fazer parte da vida das crianças depois que elas saem de casa e ingressam na escola. Através de relações de amor e ódio,

estes professores criam marcas em seus alunos que, posteriormente, refletirão nas suas escolhas profissionais de acordo com o significado que estes estudantes conferirem a essas experiências – boas ou ruins.

O lugar do professor, conforme a significação dessa relação pelos alunos é moldada, coloca o docente como um detentor do desejo de aprender desses estudantes. Este desejo reflete-se como fundamental para que um elo agradável seja constituído com o processo de aprendizagem, diante do fato de que a conexão que o sujeito estabelece com o saber se compõe a partir do desejo. Rondas (2004, p. 25), afirma que “o bom professor é um bom pescador, aquele que, de alguma maneira, estimula e alimenta a curiosidade da criança, conseguindo despertar-lhe o desejo de aprender.”

Almeida (2002), ressalta que:

> Quando se trata da formação do educador, em especial de seu papel nas questões fundamentais que envolvem a transmissão do conhecimento, destacam-se os efeitos subjetivos que perpassam e de certo modo são determinantes de seu "fazer pedagógico".

Percebe-se, então, um professor diretamente participativo, constituinte e responsável por parte da trajetória educacional do estudante, de maneira que, este último, passa a relacionar-se com os objetos de estudo a partir da relação vivenciada com o detentor do desejo de aprender.

> A relação professor-aluno está além dos conteúdos concretos do que se passa no meio escolar, sendo, ao mesmo tempo essa relação, ela própria, veículo de aprendizagem. O professor "usa-se" como instrumento para estimular a participação do aluno num processo criativo de aprendizagem. Sendo assim, sua auto-estima e auto-imagem, seu ideal de Eu, seus mecanismos de defesa assumem papel decisivo no ato educativo. (Paulo e Almeida, 2006).

A Educação é embasada sob a perspectiva das relações estabelecidas entre professor – aluno, podendo, dependendo da forma como esta relação foi experienciada, influenciar positivamente ou negativamente o processo de ensino – aprendizagem.

Ao escrever a respeito da relação professor – aluno, faz-se necessário ao menos uma breve explicação a respeito da transferência, termo proposto pela Psicanálise:

> Transferências são reedições, reduções das reações e fantasias que, durante o avanço da análise, costumam despertar-se e tornar-se conscientes, mas com a característica de substituir uma pessoa

> anterior pela pessoa do médico. Dito de outra maneira: toda uma série de experiências psíquicas prévias é revivida, não como algo do passado, mas como um vínculo atual com a pessoa do médico. Algumas são simples reimpressões, reedições inalteradas. Outras se fazem com mais arte: passam por uma moderação do seu conteúdo, uma sublimação. São, por tanto, edições revistas, e não mais reimpressões. (FREUD, 1969. v.. 7, p. 109).

Bion (2000, apud Lopes, 2011), afirma que a importância da transferência está em seu uso na prática da psicanálise e que ela deve ser observada tanto por analisandos como por analistas, essa é a sua força e sua fraqueza por estar disponível para as duas pessoas, ao mesmo tempo em que é algo indescritível e não pode ser discutido por mais ninguém. Essa relação entre analisandos e analistas advinda deste mecanismo, também pode ser encontrada na relação pedagógica.

A transferência pode ser compreendida como dispositivo que torna possível o estabelecimento de vínculos de afetos – o afeto ligado a uma determinada representação, como, por exemplo, os pais, seria deslocado para outra representação – entre professor - aluno, ora positivos, ora negativos, tendo forte relevância quanto a direção dessa relação e a identificação do aluno com esse lugar de professor.

Almeida (2003), afirma que “parafraseando os ensinamentos freudianos de que a criança é o Pai do homem, poder-se-ia dizer: o aluno é o Pai do professor.” Deixando ainda mais clara a percepção de que é no trajeto das identificações com vários professores que passaram pela sua trajetória educacional que o aluno vai elaborando e desenvolvendo sua predileção profissional.

CAPÍTULO 2 – SOCIONOMIA

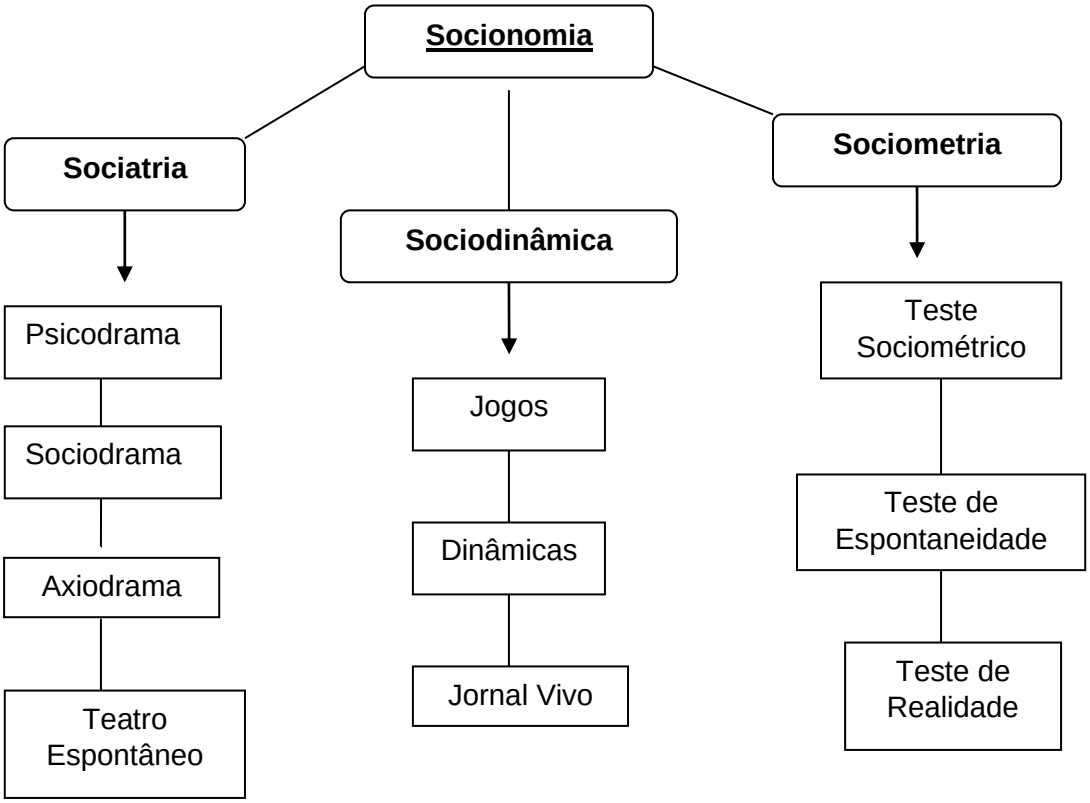
Socionomia trata-se, segundo Moreno (1978), do conceito geral da sua teoria, que pode ser entendida como a ciência das leis sociais e das relações. A Socionomia estuda as leis sociais que regem os sistemas sociais,

dos grupos humanos e do desenvolvimento humano. É caracterizada pelo foco na formação psicológica e social do indivíduo a partir da dinâmica vincular consequente do jogo dialético do desempenho de papéis e contrapapéis. Diante desta visão relacional do homem e das variadas possibilidades de recursos técnicos que podem ser utilizadas nos trabalhos em grupo, cria-se um espaço de possibilidades para a transformação dos sujeitos e grupos participantes através da vivência dos conflitos e potencialidades para a resolução destes. Sua proposta relaciona-se a um projeto de planejamento e organização social com características auto-organizativas e auto-afirmativas. (Pereira, 2009).

Bareicha (2010), afirma que Socionomia é a ciência que estuda as relações sociais sob diferentes referenciais, como a teologia, as estéticas teatrais, as filosofias humanistas e perspectivas médicas, psicológicas, sociológicas e cientificas. Trata-se de um poderoso e eficaz instrumento pedagógico, assim como um forte mobilizador de grupos.

A Socionomia é dividida entre a Sociatria, Sociodinâmica e Sociometria, ramos que se utilizam do ato dramático como recurso para a demonstração e expressividade da realidade vivenciada nas relações, assim como para a reflexão a respeito de determinado assunto.

Quadro 1 – Socionomia.



Fonte: Ferreira, 2010.

A Sociatria refere-se à transformação. Ela busca elaborar métodos junto a grupos sociais com o objetivo de realizar a mediação de conflitos e proporcionar uma comunicação e expressão individual e coletiva mais aprimorada. Seus principais métodos são o Psicodrama, o Sociodrama, o Axiodrama e o Teatro Espontâneo.

A Sociodinâmica esta ligada à investigação da dinâmica grupal - funcionamento, estrutura, organização - e as relações entre os participantes. A Sociodinâmica é evidenciada por diagramas de dados, intitulados sociogramas, que são instituídos a partir de testes sociométricos que possuem a valência de representar a sociedade, seja social, seja individualmente.

E, por fim, a Sociometria, que se refere à mensuração das escolhas dos participantes e a sua representatividade através de gráficos, tornando possível o entendimento da estrutura do grupo.

Tratando-se da Sociatria e seus métodos, esta pesquisa contempla três deles, que são: Psicodrama, Sociodrama e Axiodrama, descritos e diferenciados a seguir.

2.1 – Métodos Sociátricos: Sociopsicodrama e Axiodrama

Os métodos sociátricos têm o objetivo de tratar e cuidar das relações interpessoais e dos problemas que as pessoas enfrentam dentro dos grupos.

O Psicodrama teve sua remota origem após o surgimento da Psicanálise, abordagem psicanalítica que focaliza e destaca a importância do subjetivo humano, e da corrente Humanística, que, segundo Bareicha (1999), defende uma postura fenomenológica e existencial, com ênfase nas relações interpessoais, questões grupais, estéticas e transpessoais, enfatizando o pressuposto de que cada sujeito possui uma individualidade única.

Psicodrama refere-se a um método com a proposta de trabalhar as relações, tanto individuais, quanto sociais, através do chamado 'teatro espontâneo', criado por Jacob Levi Moreno, em 1921. Segundo a Federação Brasileira de Psicodrama[1]– FEBRAP –, Psicodrama pode ser definido como:

> ...uma via de investigação da alma humana mediante a ação. É um método de pesquisa e intervenção nas relações interpessoais, nos grupos, entre grupos ou de uma pessoa consigo mesma. Mobiliza para vivenciar a realidade a partir do reconhecimento das diferenças e dos conflitos e facilita a busca de alternativas para a resolução do que é revelado, expandindo os recursos disponíveis.

Bermudez (1977), afirma que o Psicodrama compõe um método de ação e interação, com a dramatização como centro, possibilitando, através das intervenções, a manifestação corporal, melhorando a comunicação com outros indivíduos.

Enquanto o Psicodrama refere-se a ações profundas voltadas às demandas interpessoais e particulares, tem-se o Sociodrama como método voltado para demandas coletivas, onde o protagonista torna-se o grupo que é colocado no ambiente da dramatização para 'solucionar' seus problemas e inquietudes, tratando as relações entre os grupos e seus sistemas de idéias coletivas. Segundo a FEBRAP, "a diferença entre o Psicodrama e o Sociodrama consiste em que no primeiro o trabalho dramático focaliza o

---

[1] www.febrap.org.br, acessado em Nov. 2015.

indivíduo - embora sempre visto como um ser em relação - e no segundo focaliza o próprio grupo.”

Para Moreno (1978),

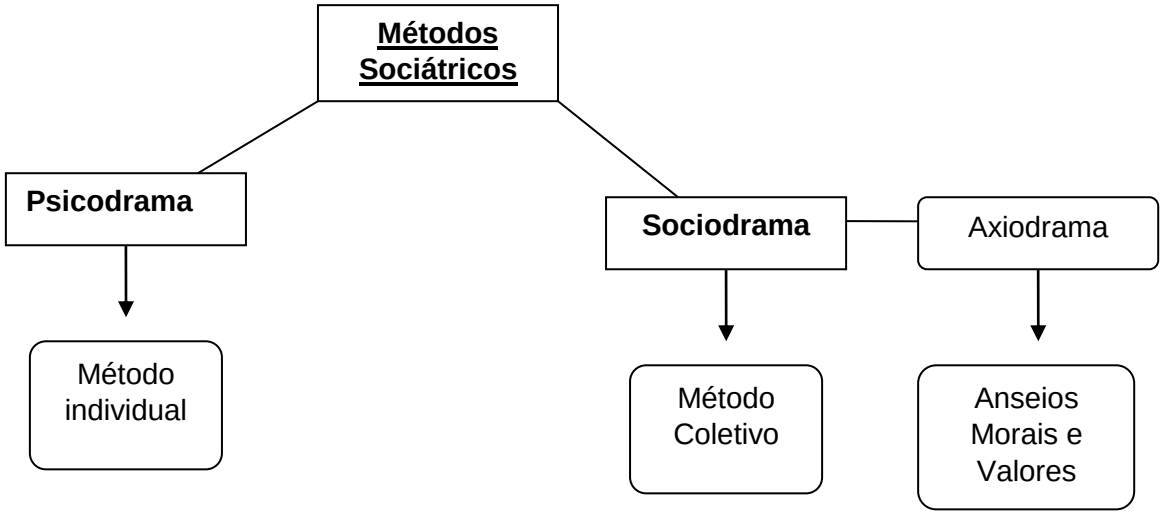
> Pode-se, na forma de Sociodrama, tanto explorar, como tratar, simultaneamente, os conflitos que surgem entre duas ordens culturais distintas e, ao mesmo tempo, pela mesma ação, empreender a mudança de atitude dos membros de uma cultura a respeito dos membros da outra.’ (p. 415).

Através do Sociodrama o grupo tem a possibilidade de vivenciar terapeuticamente suas desordens em um ambiente dramático, com foco nos papéis vivenciados socialmente e nas angústias coletivas.

O Axiodrama define-se como parte do método Sociodramático, onde a dramatização é voltada aos anseios morais e valores, tanto particulares, quanto grupais, como questões religiosas, éticas ou culturais. “O objetivo do Axiodrama é ampliar e viver a escolha dos valores, possibilitando a saída do discurso para a ação.” (Campos et al., 2010).

Os métodos sociátricos desenvolvidos por Moreno buscam uma criação ativa que se utiliza da linguagem teatral – dramatização – como forma de ação com os grupos sociais, objetivando a mudança das relações para algo mais espontâneo, onde o autoconhecimento é valorizado. No quadro a seguir, pode-se compreender mais claramente a divisão dos métodos sociátricos.

Quadro 2 – Métodos Sociátricos



Fonte: A autora.

2.2 – Matriz de Identidade

A Matriz de Identidade trata-se do lugar onde é possível encontrar as raízes do sujeito, sendo, também, onde o indivíduo se relaciona com as outras pessoas e com os objetos que permeiam sua vida. É na Matriz de Identidade que há a composição de todo o universo da criança quando esta sai da barriga da mãe e passa a fazer parte das relações sociais depois do seu nascimento. Neste instante, não existe uma diferenciação entre o meio interno e o meio externo, nem entre objetos e pessoas ou fantasia e realidade.

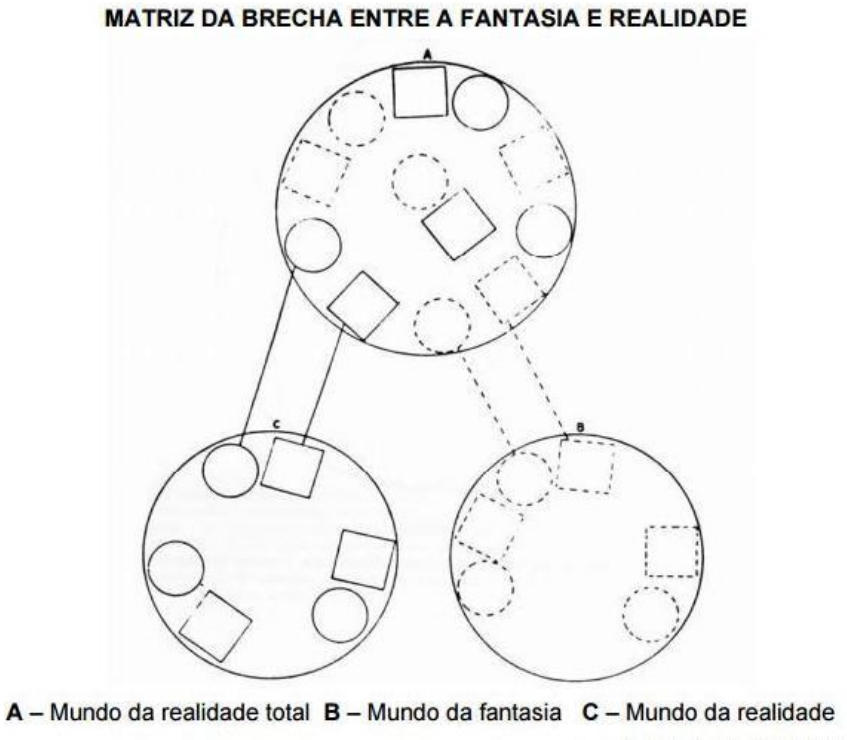
> Essa coexistência, co-ação e co-experiência que, na fase primária exemplificam a relação do bebê com as pessoas e coisas à sua volta, são características da matriz de identidade. Essa matriz de identidade lança os alicerces do primeiro processo de aprendizagem emocional da criança (Moreno, 1978, p. 112).

Na Matriz de Identidade encontra-se o Primeiro Universo da criança, um mundo que fica a sua volta desde o seu nascimento, proporcionando "segurança, orientação e guia." (Moreno, 1978, p. 114). É nela que a criança desenvolve suas primeiras bases para o processo emocional. Este Primeiro Universo chega ao fim quando a vivência infantil de um mundo real vai dando lugar a um mundo de fantasia e realidade, dando início ao Segundo Universo.

O Segundo Universo trata-se do momento em que "a personalidade passa a estar normalmente dividida" (p. 123), formando-se dois grupos de processos de aquecimento preparatório – os atos da realidade e os atos da fantasia que passam a se organizar. Para Moreno (1978), é necessário "estabelecer meios que permitam ao indivíduo ganhar completo domínio da situação, vivendo em ambos os caminhos, mas capaz de transferir-se de um para o outro" (p. 123). O lugar entre a fantasia e a realidade é chamado de "brecha". Nele é que opera-se o Sociopsicodrama, um lugar onde os elementos da fantasia e da realidade co-existem, diferenciando-se.

Na Figura 1, apresentamos um diagrama da brecha entre a fantasia e a realidade.

Figura 1 – Brecha entre a fantasia e a realidade.

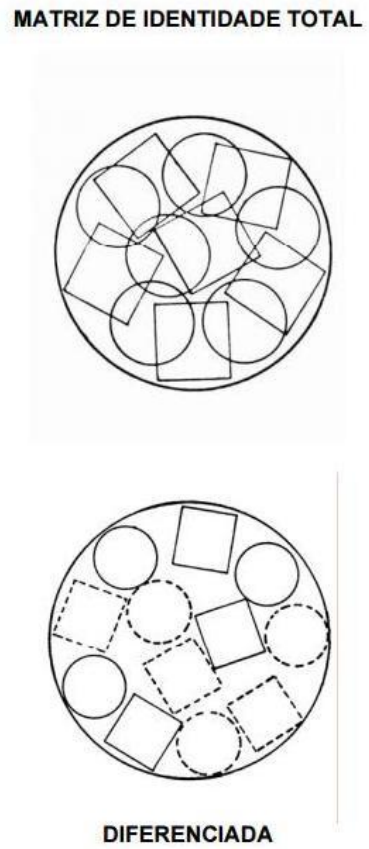


Fonte: Moreno, 1978, p.128.

Ao dividir a Matriz de Identidade em três fases, tem-se a primeira fase como o momento da indiferenciação – Matriz de Identidade total indiferenciada ou fase do duplo – onde a criança acredita que ela e a mãe são a mesma pessoa, mesmo depois do seu nascimento. Nessa fase o bebê não possui iniciativas de ação, já que ele possui alguém que toma essas iniciativas por ele – se ele tem fome, a mãe proporciona o alimento – de maneira que acaba acreditando que ele e a sua mãe não diferenciam-se, a criança precisa do outro. Na segunda fase inicia-se a diferenciação – Matriz de Identidade total diferenciada ou fase do espelho -, o momento em que o sujeito percebe que ele é alguém diferenciado, a criança concentra a atenção em si e começa a se perceber como indivíduo, reconhecendo sua singularidade, percebendo que ela e a sua mãe não são a mesma pessoa. Na terceira fase – inversão de papeis – este sujeito que já se percebe como diferenciado de todos os outros, passa a tornar-se capaz de se colocar no lugar do outro e permitir que o outro se coloque no seu lugar também. Ocorre a tomada de papel do outro para, posteriormente, haver a inversão.

Na Figura 2 apresentamos o diagrama da Matriz de Identidade total diferenciada.

Figura 2 – Matriz de Identidade



Fonte: Bohrer, 2012.

Para Moreno (1978), desempenhar o papel do ‘outro’ não se apresenta imediatamente e em forma acabada à criança. Desempenhar o papel do outro passa por diversas fases de desenvolvimento que se sobrepõem e, constantemente, operam em conjunto.

Este processo vivencial de formação da identidade oportuniza aos indivíduos escolherem (por diferentes critérios) o pertencimento a grupos, instituições e culturas, assim como os auxilia a construírem um sentido para a sua existência.

2.3 – Instrumentos, Etapas e Técnicas

É importante destacar que a intenção deste aporte teórico não é aprofundar discussões a respeito de toda teoria moreniana mas, sim, dar subsídios ao leitor para que haja uma compreensão mínima dos conceitos para o acompanhamento da análise dos resultados que constituem esta pesquisa.

Tratando-se dos fatores em comum, os métodos sociátricos possuem elementos essenciais para a ação teatral, que são: os instrumentos, as etapas e as técnicas.

Os instrumentos ou elementos sociátricos relacionam-se aos participantes da ação. Gonçalves (1988, apud Nery e Conceição, 2012), afirma que "os elementos ou instrumentos são os meios empregados na execução do método e das técnicas psicodramáticas." São eles: O Diretor (coordenador do grupo responsável por dirigir as cenas), o Ego-Auxiliar (participante ou participantes da equipe ou do grupo que desempenha papeis da realidade do protagonista), o Protagonista (pessoa que representa o tema do grupo, que dá voz aos sentimentos), o Palco (espaço definido onde ocorre a dramatização) e a Platéia (membros do grupo presente, uma platéia observadora e participante).

As etapas relacionam-se ao plano ou roteiro da dramatização. São elas: aquecimento, dramatização e compartilhamento. O aquecimento trata-se da abertura do sociodrama, onde o participante e o lugar são preparados para que se possa insurgir o tema que será trabalhado durante a prática. Segundo Seidel (2009), o aquecimento "cria o clima de confiança, mobilizando as condições necessárias para apreensão da verdade do grupo." A dramatização refere-se à encenação em si, é o desdobramento da cena elaborada pelo grupo ou indivíduo (protagonista). Nery e Conceição (2012), afirmam que "a dramatização possibilita ao indivíduo e ao grupo, por meio do desempenho de papéis psicodramáticos, uma nova organização dos mundos interno e externo." E, por fim, o compartilhamento, a terceira fase da sessão sociátrica que se refere a expressão das emoções sob a perspectiva do que se vivenciou, é o momento em que o grupo se junta para dialogar a respeito dos acontecimentos experienciados durante a prática, desde as suas motivações referentes a

elaboração das dramatizações, até as sensações e significações, evidenciando a relação da ação psicodramática com a vivência real da rotina do grupo.

Segundo Romaña (1999), as técnicas são utilizadas em um espaço dramático através de cenas interpretadas, contextualizadas a partir da própria realidade vivida – cenas passadas, cenas presentes ou até mesmo projeções de desejos que poderão se realizar no futuro – provocando diferentes reações nos indivíduos que estiverem participando. Dentre as técnicas, destacam-se a inversão de papéis (o protagonista toma o lugar do antagonista e vice-versa, possibilitando a vivência no papel 'do outro'), o solilóquio (interrupção de uma cena para que o protagonista ou o grupo expresse o que esta sentindo), o espelho (um participante é 'espelhado' por outro sujeito, possibilitando que o que esta sendo espelhado perceba suas características, obtendo uma melhor autopercepção), o duplo (utilizada para ajudar o protagonista a expressar-se verbalmente, de forma que outro verbalize e se expresse a partir da percepção das emoções do protagonista), a simbolização (construção de estátuas que expressam emoções e sentimentos) e a interpolação de resistências (o diretor, coordenador do grupo, insere momentos inesperados na cena de forma que o protagonista desenvolva uma nova resposta).

Frente à percepção de que o ser humano é essencialmente um ser social e visto a importância das relações sociais na constituição do indivíduo e da sociedade como um todo, Moreno acreditava que as pessoas poderiam organizar melhor essas relações, criando diferentes maneiras de viver em sociedade. Diante disso, os métodos de Moreno, através de suas técnicas, etapas e instrumentos citados, buscam favorecer a comunidade como um todo, resgatando emoções, possibilitando e auxiliando na expressão e espontaneidade, permitindo que o (os) participante (es) desenvolvam uma melhor percepção de si e dos outros.

2.4 Sociopsicodrama e Histórias de Vida

Como método terapêutico, o Sociopsicodrama é utilizado em diferentes contextos conforme a realidade dos sujeitos participantes. Os caminhos que serão traçados variam de acordo com a demanda do sujeito e a

demanda da vida deste, podendo englobar diferentes aspectos vivenciais, como, por exemplo, família, gravidez, crianças, relacionamentos amorosos, dentre outros.

2.4.1 Caso Bárbara

O primeiro caso relativo ao Teatro Terapêutico, desenvolvido por Moreno, frente ao contexto do que é vivenciado pelo sujeito na sua realidade, trata-se do 'Caso Barbara', um acontecimento imprevisto que marca o início dessa 'linha terapêutica.'

Bárbara era uma atriz que participava com freqüência do Teatro da Espontaneidade, era famosa pela eficácia com que representava papeis românticos, ingênuos e doces. Jorge, esposo de Bárbara, dentre uma atuação e outra de sua esposa, acaba procurando por Moreno, afirmando que já não agüentava mais conviver com Bárbara, pois, em casa, ela era o oposto do que representava nos papeis: era agressiva e violenta.

Após a conversa com Jorge, Moreno decide dar um papel diferente para Bárbara interpretar: uma prostituta vulgar que havia sido atacada e assassinada por um estranho. Ela interpreta o papel com louvor e fica contente pela sua performance, continuando a interpretar papeis desse tipo com o decorrer das apresentações.

Passado algum tempo, Jorge volta a falar com Moreno a respeito do comportamento de Bárbara, porém, dessa vez o esposo afirma que sua mulher está diferente, mais calma e que, quando ela começa a ficar enfurecida com algo, simplesmente sorri e afirma para o marido ter percebido que já havia representado aquela cena antes no teatro e acabava adotando uma postura diferente. O marido passa, então, a notar diferenças em seu comportamento e até mesmo na sua própria compreensão a respeito de Bárbara.

Passados alguns meses, o casal finalmente encontra um ao outro e passam a viver muito bem. Desde então, Jorge e Bárbara começaram a levar para o teatro suas próprias histórias, histórias de suas famílias, cenas de infância, sonhos e projeções futuras. Os que assistiam também comentavam

com Moreno o quanto aquelas cenas os tocavam e ajudavam a refletir e a mudar, iniciando, assim, o Teatro Terapêutico.

2.4.2 Protocolos e Contextos

Os Protocolos referem-se aos casos clínicos atendidos por Moreno, enquanto os contextos estão relacionados aos variados temas, inseridos em protocolos, em que é possível encontrar narrativas sociopsicodramáticas referentes à realidade como é conhecida ou a realidade suplementar – termo utilizado por Moreno para identificar uma realidade subjetivada. Para melhor compreensão da realidade suplementar, esta é citada com uma de suas técnicas:

> A inversão de papéis é uma das técnicas de realidade suplementar mais utilizada no psicodrama; nela, por exemplo, cônjuges poderão assumir, a partir da inversão, o lugar do outro, o marido no papel da esposa e a esposa no papel do companheiro, não uma inversão apenas nominal, mas uma experiência profunda do outro, capaz de possibilitar o conhecimento de sentimentos e padrões de comportamento até então desconhecidos (Gonçalves e Peres, 2012).

É possível encontrar diversos protocolos inseridos em diferentes contextos de narração – não necessariamente educativos -, como, por exemplo, a respeito de problemas conjugais ("Um triangulo psicológico no casamento" – Moreno, 1988), fatores culturais ("O Problema Negro – Branco" – Moreno, 1988), mulher e parto (Mulher, parto e psicodrama – Pamplona, 1990), crianças (Psicodrama com crianças: raízes, transformações, perspectivas – Petrilli, 2002), papeis institucionais (Psicodrama nas instituições – Ricotta, 1990), velhice (Gerontodrama: a velhice em cena – Estudos clínicos e psicodramáticos sobre o envelhecimento e a terceira idade – Sene, 1998), dentre outras narrativas de histórias que são dramatizadas, destacando-se o fato de que em nenhuma delas apresenta-se como finalidade a construção de um Memorial Educativo.

Tratando-se do Psicodrama Pedagógico, destacando-se autoras como Romaña (Psicodrama Pedagógico - Método Educacional Psicodramático, 1987) Fernandez (Psicopedagogia em Psicodrama, 2001), Diniz (Psicodrama Pedagógico. Teatro. Educação, 1995), o principal contexto em que ele aparece

refere-se à possibilidade em se dar aula através do Psicodrama, não sendo encontrado, mais uma vez, estudos ou pesquisas que relacionem este com a Memória Educativa.

De acordo com a Federação Brasileira de Psicodrama – Febrap -, o Psicodrama vem sendo aplicado nas seguintes ações: Área Empresarial (empresas, universidades, etc); Área Institucional; Centro de Recuperação de crianças desnutridas; Clínica Individual e Institucional; Cursos de Aperfeiçoamento para profissionais da saúde; Dança Espontânea; Ensino Fundamental; Escola; Instituição de Dependentes Químicos; Mães de Presidiários; Oficina de transtornos alimentares; Oficina do Stress DORT/LER; Planejamento familiar e sexualidade; População de baixa renda desempregada; População de rua e locais públicos; População de rua - Projeto Integrante; Portadores de deficiências físicas e mentais; Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e AIDS; Prisões; Professores de educação infantil; Questões cotidianas referentes às equipes de trabalhos hospitalares; Reinserção Social; Relações entre adolescentes e seus grupos; Saúde Sexual e Reprodutiva; Sexualidade; Teatro de Bonecos; Terceiro Setor; Turismo; Violência Doméstica.

Percebe-se, então, que não existem investigações ou ações que relacionem o Psicodrama com o Memorial Educativo, tornando esta pesquisa instigante e interessante por se tratar de algo inédito, posicionando-se fora do âmbito da Memória Educativa e fora do âmbito do Psicodrama, porém, inaugurando um novo campo onde ambas as áreas em questão têm a possibilidade de trabalharem em conjunto.

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos deste trabalho baseiam-se na revisão bibliográfica, elaborada a partir de material já publicado referente à base teórica do tema da monografia e na pesquisa qualitativa, que, para Minayo (2001), trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (Silva e Menezes, 2005).

Esta pesquisa também baseou-se no método fenomenológico, que se preocupa com a descrição direta da experiência tal como ela é. A realidade é construída socialmente e entendida como o compreendido, o interpretado, o comunicado. Então, a realidade não é única: existem tantas quantas forem as suas interpretações e comunicações. O sujeito/ator é reconhecidamente importante no processo de construção do conhecimento (Gil, 1999).

Tratando-se do problema central deste trabalho, tem-se o seguinte questionamento: Como o trabalho vivencial interfere na confecção do Memorial Educativo?

O objetivo da pesquisa refere-se à compreensão de que maneira o Psicodrama e o Sociodrama interferem da memória dos alunos do 1º semestre do curso de Pedagogia da UnB.

3.1 Descrição do Procedimento

Para esta investigação foram utilizados como instrumentos de produção de dados a observação das aulas de Investigação Filosófica e Educação do 2º semestre de 2015, disciplina do primeiro semestre ministrada pelo Professor Doutor Paulo Bareicha na Faculdade de Educação da

Universidade de Brasília, na FE 5, sala 11, assim como o relatório da observação dessas aulas e os materiais produzidos pelos alunos, dando destaque ao trabalho final da disciplina – o Memorial Educativo.

Tratando-se do material oriundo do trabalho final dos alunos, dos 35 estudantes matriculados, 29 entregaram o memorial educativo que será passível da análise categorial, instrumento de pesquisa descrito mais adiante.

A pesquisa iniciou-se no primeiro dia de aula, dia 10 de agosto de 2015 e chegou ao fim no final do semestre, dia 1 de dezembro de 2015, dia em que os memoriais educativos foram devolvidos aos alunos após a análise e correção. Tendo sido realizada a observação no decorrer das aulas durante o período citado, os alunos do primeiro semestre que freqüentaram as aulas foram os sujeitos desta pesquisa, tendo sido analisadas suas participações durante o curso, suas falas referentes às lembranças resgatadas durante as dinâmicas Sociopsicodramáticas e, principalmente, a produção do trabalho final, o Memorial Educativo, o qual foi escrito pelos estudantes e entregue ao professor no final do semestre.

Durante as aulas do curso de Investigação Filosófica os alunos eram estimulados a falar sobre a sua Memória Educativa, preparando um caminho para a escrita do seu próprio Memorial Educativo como trabalho final da disciplina.

A cada aula eram fornecidos estímulos através de diversos temas: Trânsito, Mais Médicos, Drogas, Justiça com as próprias mãos, Swot Pessoal, Liberdade, Vida e Morte, Pena de Morte, Terrorismo e Desastre em Mariana. Em alguns momentos, houve dramatizações relacionadas aos temas, que serão descritas nos Resultados desta pesquisa.

Além dos estímulos citados, durante as aulas também foram realizadas ações sob a perspectiva do Sociopsicodrama Pedagógico com a finalidade de estimular as memórias relacionadas aos períodos educativos. Para isso, aulas foram dedicadas a três vivências relacionadas às etapas escolares – educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e o atual ensino superior. Estas três ações Sociopsicodramáticas foram seguidas de preenchimento pelos estudantes de três formulários de estimulação: ‘Fatos importantes em minha vida’, aplicado em setembro de 2015, relacionado aos

três eventos mais marcantes na vida, tanto bons, quanto ruins, aproveitando este primeiro roteiro para resgatar lembranças, principalmente, dos primeiros anos de vida relacionados à educação infantil, ‘Esboço da Memória Educativa’, aplicado em outubro de 2015, onde os alunos deveriam escrever de forma mais específica a respeito de seus anos escolares, desde o ano do nascimento, até os dias de hoje, além de um pequeno esboço cronológico da sua história levando em consideração seu percurso acadêmico, e o ‘Roteiro do Memorial Educativo’, entregue em novembro de 2015, relacionado à composição e estrutura do Memorial Educativo final. Todos os modelos destes três roteiros encontram-se em Anexo.

O Memorial Educativo entregue pelos alunos foi analisado através da ‘Análise Categorial’, instrumento de pesquisa científica, que, segundo a professora Laurence Bardin:

> ... é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos objetivos e sistemáticos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens. (Bardin, 1995)

Para Bardin (1995), o objetivo principal da análise de conteúdo abarca a manipulação das mensagens, envolvendo o conteúdo em si, como também a expressão desse conteúdo, tornando-se possível evidenciar referências que permitam a compreensão sobre outra realidade que difere-se da realidade da mensagem. A análise categorial, portanto, torna possível a acessibilidade a diferentes conteúdos presentes em um escrito, nítidos ou implícitos.

A análise crítica da Memória Educativa construída pelos alunos do primeiro semestre que vivenciaram experiências Sociopsicodramáticas possibilita verificar como o Sociopsicodrama, como método de pesquisa qualitativa em Educação, interfere na escrita da Memória Educativa dos alunos, fator importantíssimo frente à formação de futuros profissionais da área da Educação.

Os instrumentos utilizados durante as aulas com os alunos e o modelo do termo de livre esclarecimento assinado por eles no primeiro dia de aula encontram-se em Anexo, no final desta pesquisa.

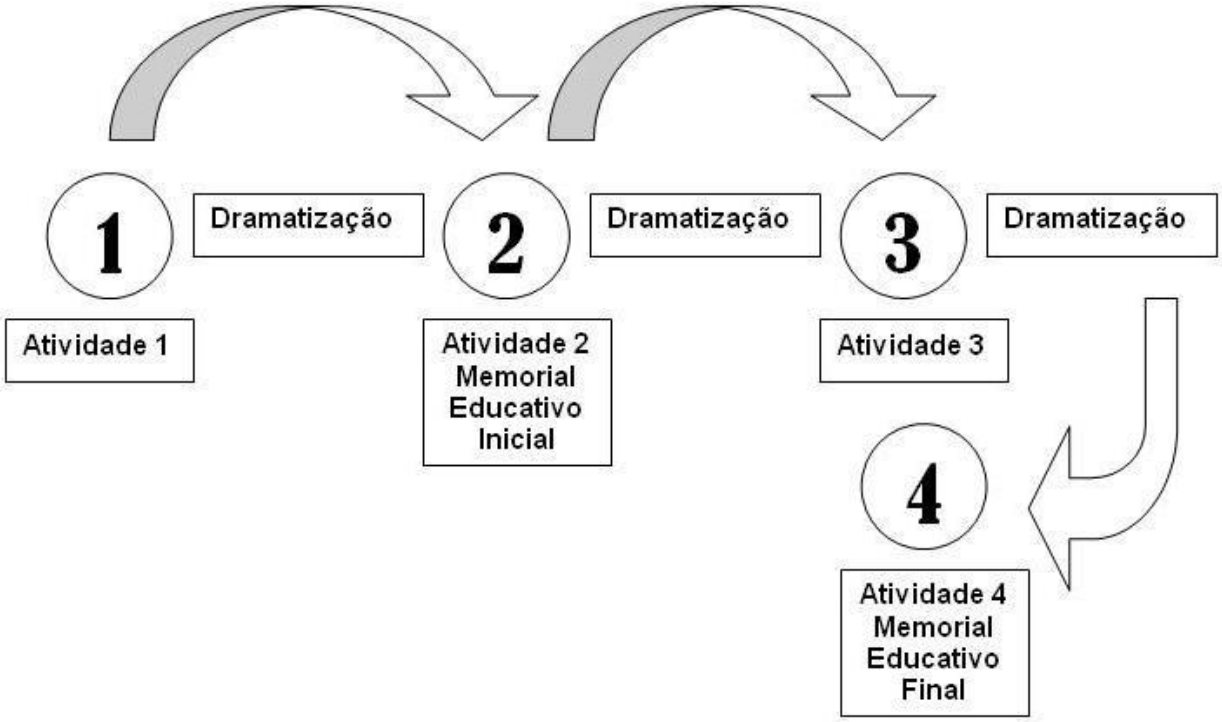
CAPÍTULO 4 – RESULTADOS

O Memorial Educativo inicial trata-se da escrita realizada pelos alunos posteriormente às dramatizações, enquanto o Memorial Educativo final refere-se ao trabalho final da disciplina, após as dramatizações e atividades voltadas para o resgate da memória escolar dos estudantes.

4.1 Diferenças entre o Memorial Educativo Inicial e o Memorial Educativo Final

Tanto o Memorial inicial, quanto o Memorial final, foram desenvolvidos a partir da confecção de atividades precedentes às escritas e de dramatizações relacionadas à Memória Educativa dos estudantes. Através da Figura 3 a seguir, é possível compreender claramente este trajeto realizado em sala de aula:

Figura 3 – Atividades desenvolvidas na criação do Memorial Educativo.



Fonte: A autora.

A Atividade 1 presente na Figura acima, trata-se do primeiro momento de resgate da Memória Educativa dos estudantes, onde eles tiveram que realizar apenas um apontamento para si, sem cobrança de materiais, sobre lembranças boas e ruins, caso houvesse. Foi realizada em setembro de 2015.

Após a Atividade 1, diante dos apontamentos realizados pelos alunos e dos temas emergentes provenientes de suas memórias a partir desta Atividade, foi realizada a primeira dramatização.

A Atividade 2 foi realizada em outubro de 2015, trata-se do Memorial inicial, Atividade realizada após a primeira dramatização, com o objetivo de auxiliar a melhoria da primeira Atividade realizada pelos alunos. Esta primeira Atividade teve a intenção de preparar os alunos para a escrita da primeira versão do Memorial Educativo.

Passada a Atividade 2, mais uma dramatização relacionada ao Memorial Educativo foi vivenciada pelos alunos na sala de aula, seguida da Atividade 3, relativa ao roteiro para a escrita do Memorial Educativo Final, realizada em novembro de 2015.

Após a Atividade 3, houve a última dramatização anteriormente a escrita e entrega da Atividade 4 – o Memorial Educativo Final. Consta-se, então, que a primeira versão do Memorial (Memorial Educativo Inicial), foi aprimorada mais duas vezes a partir de outras duas dramatizações para que se chegasse, enfim, a versão final da escrita.

Ressalta-se que, no decorrer das Atividades e Dramatizações representadas na Figura 3, também houve conversas e dramatizações a respeito dos seguintes temas: Trânsito, Mais Médicos, Drogas, Justiça, Swot Pessoal, Liberdade e Vida e Morte/ Pena de Morte.

Ao analisar os dois Memoriais em questão dos 29 alunos é possível perceber diferentes categorias que se destacam quanto à diferenciação da escrita inicial e final. A primeira categoria perceptível refere-se à quantidade de número de páginas, onde, ao comparar as duas escritas, percebe-se uma média de apenas uma página no Memorial Inicial e uma média de 8 páginas no Memorial Final, chegando este a conter até 27 páginas, deixando evidente a

diferença da quantidade de palavras escritas referentes a Memória Educativa dos alunos antes e depois das dramatizações.

Quanto às demais categorias de análise, apresentamos os "acontecimentos", "personagens" e "temas emergentes" nos Memoriais Educativos inicial e final como grupos passíveis de distinção entre os dois Memoriais, como poderá ser analisado com detalhe através das Tabelas a seguir.

Tabela 1 – Principais temas, acontecimentos e personagens emergentes nos Memoriais Educativos iniciais.

	Educação Infantil (até os 6/7 anos)	**Ensino Fundamental (6/7 anos até 15/16 anos)**	**Ensino Médio (15/15 anos até 17/18 anos)**	**Ensino Superior (17/18 anos em diante)**
Temas	-Alfabetização; -Merenda; -Relação Professor-Aluno; -Hora do Parquinho; -Família; -Bullying; -Mudança; de cidade -Uniforme	-Aprendizagem; -Família; -Amizade; -Atividades artísticas/ Passeios; -Dificuldade de aprendizagem; -Bullying; -Relação Professor-Aluno	-PAS; -Iniciação Científica Junior; -Amizade; -Vestibular; -Relação Professor-aluno; -Esporte;	-UnB; -Projetos de extensão; -Realização; -Faculdade Particular;
Acontecimentos	-Constantemente ia para a enfermaria; -Freqüentou uma creche; -Viu uma baleia encalhada na praia; -Membro da família ensina a ler e escrever; -Separação dos pais; -Tentativa de seqüestro.	-Aprendeu a tabuada; -Realizou provas de avaliação da educação brasileira; -Familiar como professor na escola; -Apresentações e ensaios na escola; -Reforço escolar; -Separação dos pais; -Certificado de aluna destaque.	-Conseguiu uma bolsa de estudos; -Participou de um projeto de ciências; -Prestou vestibulares para outras áreas.	-Primeiro diploma de ensino superior; -Primeira da família a se formar; -Ingressou na UnB pela primeira vez; -Ingressou na UnB pela segunda vez – Pedagogia; -Ingresso em uma faculdade particular.

Personagens	-Professora; -Mãe; -Irmã/ irmã gêmea / irmão; -Prima; -Avó.	-Professora; -Mãe.	-Professores; -Amigos.	-Família.

Fonte: A autora.

Ao observarmos a Tabela 1, constata-se que nos Memoriais Educativos Iniciais houve um total de 8 temas a respeito da Educação Infantil, 7 temas relativos ao Ensino Fundamental, 6 temas relacionados ao Ensino Médio e 4 temas a respeito do Ensino Superior. Quanto aos acontecimentos, nota-se 6 durante a Educação Infantil, 7 no Ensino Fundamental, 3 no Ensino Médio e 5 no Ensino Superior. A respeito dos personagens, somam-se 5 na Educação Infantil, 2 no Ensino Fundamental, 2 no Ensino Médio e 1 no Ensino Superior.

Tabela 2 – Principais temas, acontecimentos e personagens emergentes nos Memoriais Educativos finais.

	Educação Infantil (até os 6/7 anos)	**Ensino Fundamental (6/7 anos até 15/16 anos)**	**Ensino Médio (15/15 anos até 17/18 anos)**	**Ensino Superior (17/18 anos em diante)**
Temas	-Merenda; -Brincadeiras; -Família; -Bullying; -Diversão; -Campanha Desarmamento; -Uniforme; -Parquinho; -Datas Comemorativas; -Alfabetização; -Racismo; -Relação Professor-Aluno;	-Medo; -Expectativas; -Religião; -Diferença cultural; -Frustração; -Bullying; -Desafios; -Prevenção de drogas (Proerd); -Dedicação; -Recuperação; -Uniforme; -Material escolar; -Transporte escolar; -Racismo; -Amizade; -Relação Professor-Aluno; -Injustiça	-Amizade; -Esporte; -Política; -Interesses; -União; -ENEM; -PAS; -Vestibular; -Revolta; -Novas experiências; -Relação Professor-Aluno -Recuperação; -Exigências;	-Novas experiências; -Transito; -Independência; -Organização; -Escolhas; Responsabilidade -Trancamento
Acontecimentos	-Formatura do pré;	-Mudança de escola; -Mudança de cidade;	-Reprovação; -Mudança de	-Gravidez; -Trote;

	-Tentativa de sequestro; -Mudança de escola; -Mudança de estado; -Passou vergonha na escola; -Freqüentou uma creche; -Viu uma baleia encalhada na praia; -Familiar ensina a ler e escrever; -Separação dos pais;	-Mudança de estado; -Mudança de estilo das aulas; -Formatura; -Vivencia do Ensino Integral; -Morte de entes queridos; -Divorcio dos pais; -Aprendeu a tabuada; -Realizou provas de avaliação da educação brasileira; -Familiar como professor na escola; -Apresentações na escola; -Reforço escolar; -Ensaio para apresentação; -Certificado de aluna destaque; -Participação na Gincana; -Acusada injustamente	escola; -Supletivo; -Ingresso na faculdade; -Estudou com outros gêmeos; -Influencia dos bons professores sobre suas escolhas; -Colação de grau; -Conseguiu uma bolsa de estudos; -Participou de um projeto de ciências ; -Prestou vestibulares para outras áreas; -Participação no Grêmio; -Participação no Movimento Estudantil; -Participação na Gincana	-Mudança de universidade; -Primeiro diploma de ensino superior; -Primeira da família a se formar; -Ingressou na UnB pela primeira vez -Ingressou na UnB pela segunda vez – Pedagogia; -Ingresso em uma faculdade particular;
Personagens	-Amigos; -Professora, -Pai/mãe -Irmão/irmã/Irmã gêmea; -Prima -Avó	-Pai/mãe; -Coordenador pedagógico; -Amigos; -Professora; -Freiras	-Amigos; -Pai/mãe; -Professor; -Diretores; -Namorado/ namorada	-Filho(s); -Família

Fonte: A autora.

Ao observarmos a Tabela 2, constatamos que nos Memoriais Educativos Finais houve um total de 12 temas a respeito da Educação Infantil, 17 temas relativos ao Ensino Fundamental, 13 temas relacionados ao Ensino Médio e 7 temas a respeito do Ensino Superior. Quanto aos acontecimentos, notam-se 9 durante a Educação Infantil, 17 no Ensino Fundamental, 13 no Ensino Médio e 8 no Ensino Superior. A respeito dos personagens, somam-se 6 na Educação Infantil, 5 no Ensino Fundamental, 5 no Ensino Médio e 2 no Ensino Superior.

Tanto no Memorial Inicial, quanto no Final, os alunos citaram e descreveram diferentes temas, acontecimentos e personagens que fizeram parte da sua trajetória até os dias atuais. Porém, percebe-se uma notória diferença quanto à diversidade e quantidade dessas categorias entre os dois Memoriais, sendo que, nos Memoriais finais, escritos após as vivências e dinâmicas de resgate da memória realizadas em sala de aula no decorrer do semestre, encontrou-se um número maior de temas, acontecimentos e personagens, demonstrando a eficácia das dinâmicas Sociopsicodramáticas como recursos auxiliadores do resgate da Memória Educativa.

Nota-se, também, a freqüência do tema 'Relação Professor-Aluno' em quase todas as etapas escolares – exceto no ensino superior -, demonstrando a importância dessa relação na formação dos estudantes e o impacto que ela causa na trajetória de vida dos alunos de maneira que as memórias referentes a essa relação foram as mais presentes no momento do resgate e escrita de suas lembranças.

4.2 Linha da vida dos Memoriais Educativos

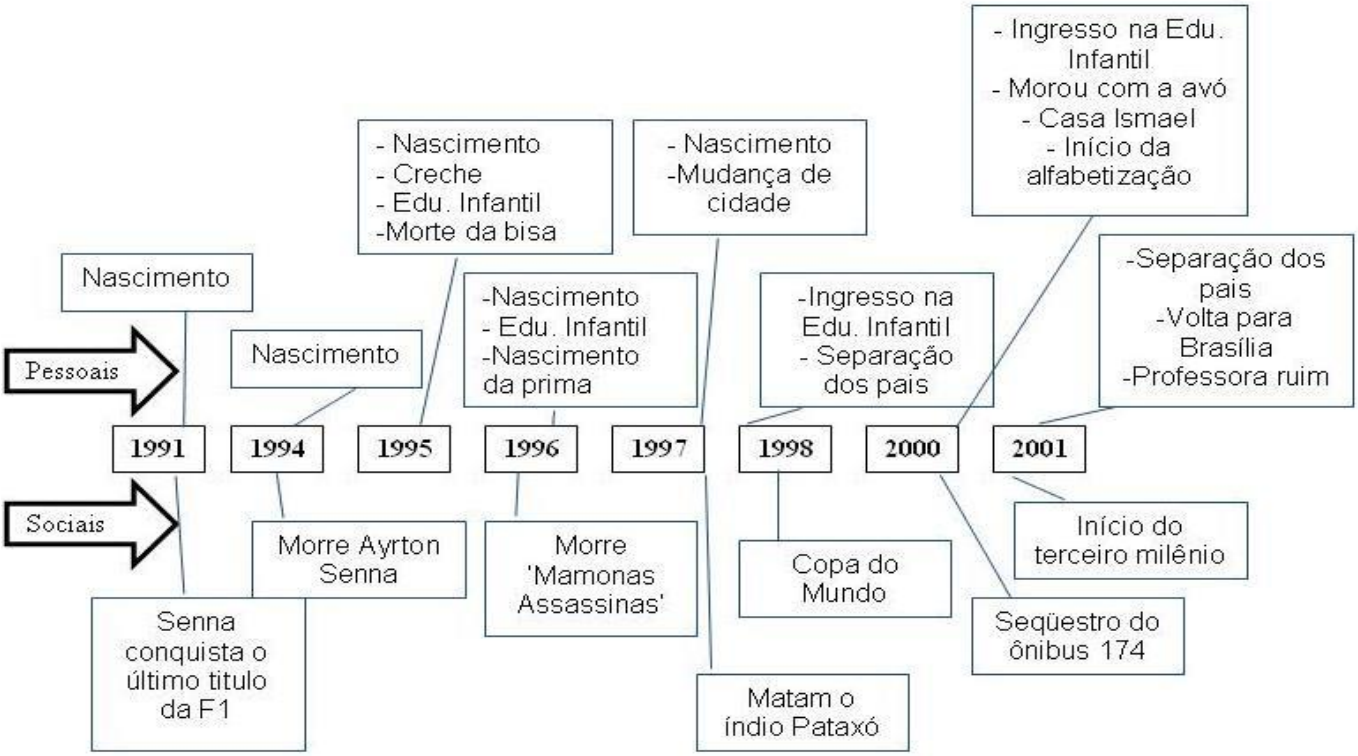
A Linha da Vida trata-se de uma parte do Trabalho Final proposto na disciplina, onde os alunos deveriam realizar, no final do Memorial Educativo, uma linha da vida referente ao seu percurso pessoal e ao percurso social que estava vigente convergentemente aos períodos da vida dos estudantes.

4.2.1 Educação Infantil

A Educação Infantil citada neste trabalho engloba não apenas as séries iniciais em que o aluno frequentou a escola, mas também todo o período desde o seu nascimento até a saída da Educação Infantil, o qual geralmente ocorre entre 0 a 7 anos.

A Figura 4 retrata os principais acontecimentos, tanto pessoais, quanto sociais, deste período na vida dos alunos participantes da pesquisa.

Figura 4 - Linha da Vida referente ao período da Educação Infantil



Fonte: A autora.

Ao observar a Figura 4, pode-se perceber que os estudantes que realizaram o Memorial e a Linha da Vida nasceram entre 1991 e 1997, com faixa etária entre 24 e 17 anos atualmente. O ingresso na Educação Infantil dos estudantes variou entre os 3 e 4 anos de idade, tendo ocorrido no período entre 1995 e 2000.

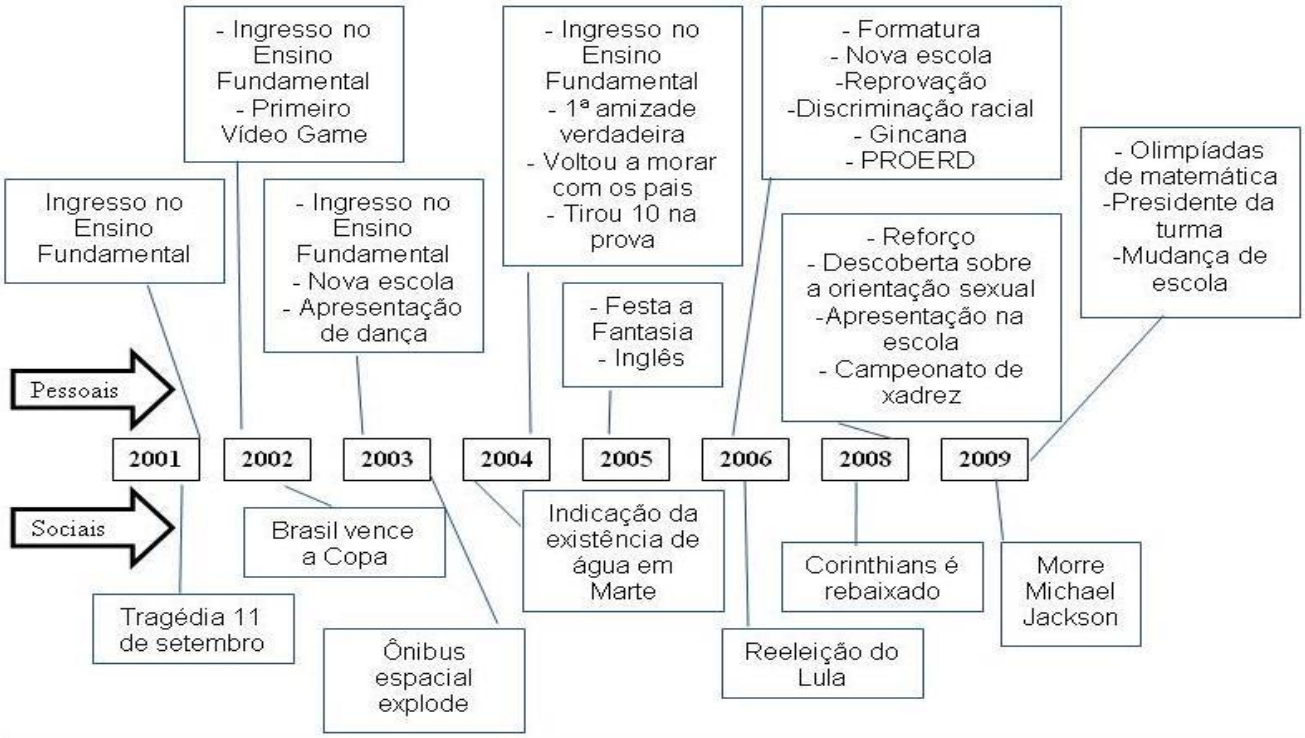
As principais lembranças ou histórias pessoais do período da Educação Infantil são relacionadas ao nascimento, matrícula e vivência na creche, inserção na escola nas séries iniciais (educação infantil), morte e nascimento de familiares, mudança de cidade, separação dos pais, mudança de casa, início da alfabetização e lembrança de professores.

Tratando-se dos eventos sociais citados pelos estudantes que ocorreram durante a trajetória de vida destes em seu primeiro período escolar, os eventos se pautam na conquista da Fórmula 1 pelo Ayrton Senna e a morte deste, a morte da banda ‘Mamonas Assassinas’, o assassinato do índio Pataxó, a Copa do Mundo, o seqüestro do ônibus 174 e o início do Terceiro Milênio.

4.2.2 Ensino Fundamental

O Ensino Fundamental trata-se de uma das etapas da educação básica brasileira, abrange o período de inserção na escola desde o 1º ano (antigo 'CA') até o 9º ano (antiga 8ª série), totalizando, geralmente, 9 anos de estudo antes da entrada no Ensino Médio. O ingresso no Ensino Fundamental ocorre, comumente, a partir dos 6 anos, e sua conclusão, geralmente, acontece entre os 14, 15 anos.

Figura 5 – Linha da vida referente ao período do Ensino Fundamental



Fonte: A autora.

Ao observar a Figura 5, percebe-se que, assim como na Figura 4, os estudantes que compõe a turma de Investigação Filosófica, participantes desta pesquisa, ingressaram nos períodos escolares em diferentes momentos, devido, principalmente, a diferença de idade. Houve ingressos no Ensino Fundamental no ano de 2001, 2002, 2003 e 2004, com uma faixa etária de inserção aos 6/7 anos e uma faixa etária de conclusão aos 14/15 anos.

Do Ensino Fundamental, notam-se eventos pessoais referentes à mudança de escola, apresentações artísticas na escola, primeiro vídeo game,

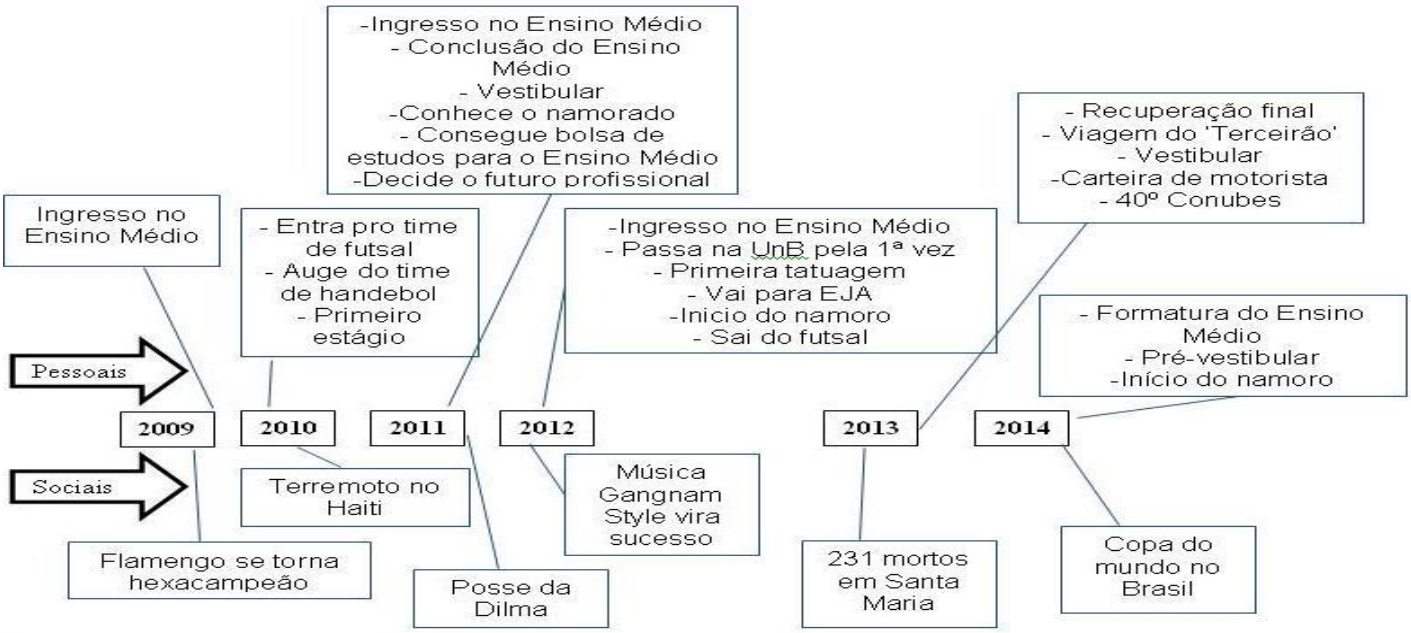
primeira amizade verdadeira, festas temáticas, contato com a língua inglesa, reprovação de ano, discriminação racial, participação em gincanas e campeonatos, participação no Proerd, participação nas Olimpíadas de Matemática, descoberta sobre a orientação sexual e a presidência da turma.

Quanto aos eventos sociais que aconteceram durante o período da vida escolar em questão, os estudantes relembraram a tragédia das Torres Gêmeas em 11 de setembro de 2001, a vitória do Brasil na Copa do Mundo, a explosão de um ônibus espacial, a indicação da existência de água em Marte, a reeleição do ex-presidente Lula, o rebaixamento do time Corinthians e a morte do cantor Michael Jackson.

4.2.3 Ensino Médio

O Ensino Médio trata-se do último período escolar anteriormente ao Ensino Superior – para quem deseja fazê-lo -, é dividido entre 1ª série, 2ª série e 3ª série (antigos 1º ano, 2º ano e 3º ano, respectivamente) com uma duração média de 3 anos.

Figura 6 – Linha da vida referente ao período do Ensino Médio



Fonte: A autora.

A Figura 6, referente à linha do tempo do período do Ensino Médio dos estudantes, apresenta que o primeiro ano de inserção no Ensino Médio dos sujeitos desta pesquisa foi em 2009 e, o último ano de inserção, em 2012. A faixa etária de entrada no ensino médio foi de 15/16 anos, e de conclusão de 17/18 anos, sendo que, depois dos 18 anos conclui-se o Ensino Médio através do EJA – Educação de Jovens e Adultos – como ocorreu com algum estudante em 2012, segundo a linha da vida acima.

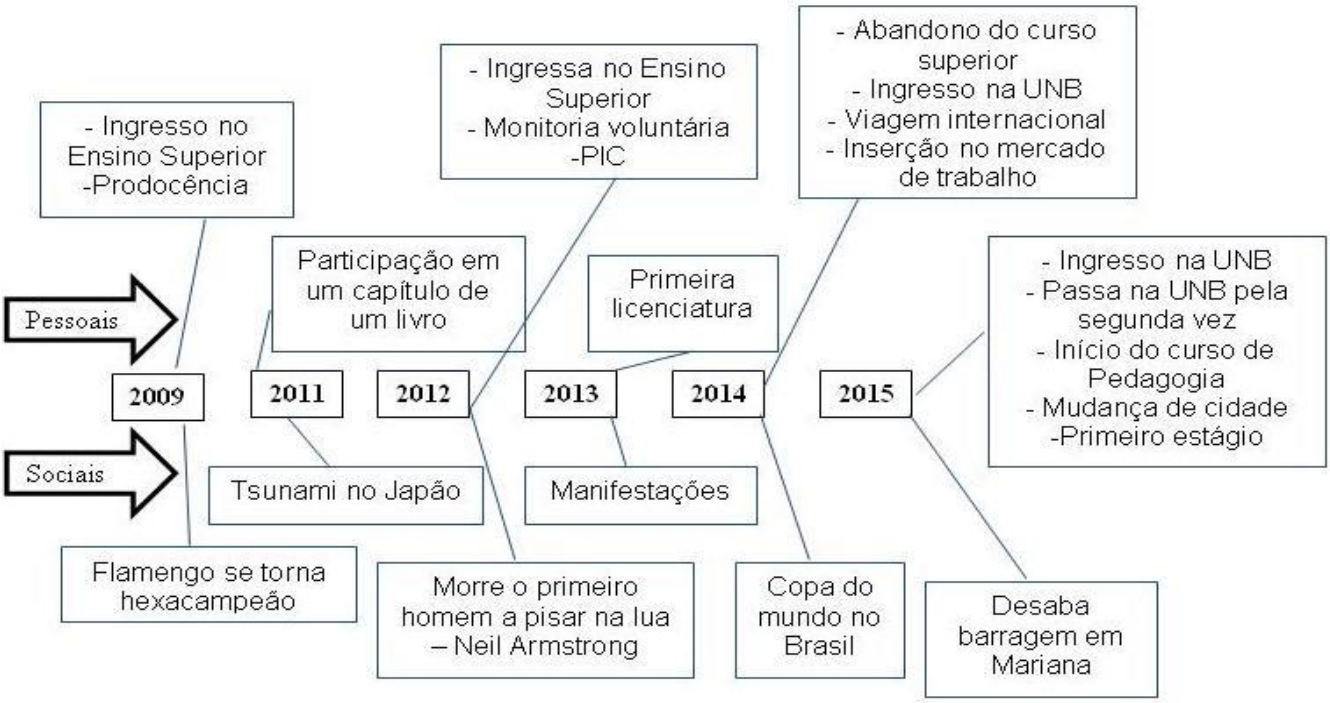
Percebe-se, de certa forma, o início de um 'afunilamento' de acontecimentos pessoais a partir da inserção no Ensino Médio se comparado aos demais períodos escolares já apresentados. Os acontecimentos pessoais que os estudantes destacaram no período em questão referem-se aos times de esporte da escola, primeiro estágio, bolsa de estudos para o Ensino Médio, vestibular – inicio do PAS, primeiro vestibular, pré-vestibular – relacionamentos amorosos, primeira tatuagem, recuperação final, carteira de motorista e decisões profissionais.

Tratando-se dos eventos sociais que ocorreram durante o período que os alunos encontravam-se no Ensino Médio, foi citado o título de hexacampeão conquistado pelo time Flamengo, o terremoto no Haiti, a posse da Presidente Dilma, o sucesso da música 'Gangnam Style', a tragédia em Santa Maria e a Copa do Mundo no Brasil.

4.2.4 Ensino Superior

O Ensino Superior trata-se de um dos níveis do sistema educativo, geralmente é realizado por instituições que conferem graus acadêmicos ou diplomas profissionais. Sua duração varia de acordo com o curso escolhido.

Figura 7 – Linha da vida referente ao Ensino Superior



Fonte: A autora.

Ao analisar a Figura 7, percebe-se que o primeiro ingresso no Ensino Superior dos estudantes em questão foi no ano de 2009, período em que muitos outros alunos participantes da pesquisa ainda estavam iniciando o Ensino Médio. Houve ingressos no Ensino Superior no ano de 2009, como citado anteriormente, no ano de 2012, 2014 e 2015, sendo este último referido a entrada no curso de Pedagogia da Universidade de Brasília. A faixa etária dos alunos neste período acadêmico varia entre os 17 e 44 anos – este último será analisado de forma separada, no tópico de análise da linha da vida do grupo dos alunos mais velhos da turma onde a pesquisa foi realizada.

A respeito dos acontecimentos durante este período acadêmico – recente para alguns e um pouco mais extenso para outros – percebe-se a continuação do ‘afunilamento’ citado na figura anterior, onde os eventos acabam em sua maioria voltando-se para a vida acadêmica e profissional, sendo estes relacionados a Projetos como a Prodocência, participação na escrita de um livro, monitoria, Programa de Iniciação Científica, conclusão da primeira licenciatura, abandono de curso, viagem internacional, inserção no mercado de trabalho, ingresso na UnB, segunda aprovação na UnB, mudança

de cidade devido a localização da Universidade, primeiro estágio e o início do curso de Pedagogia.

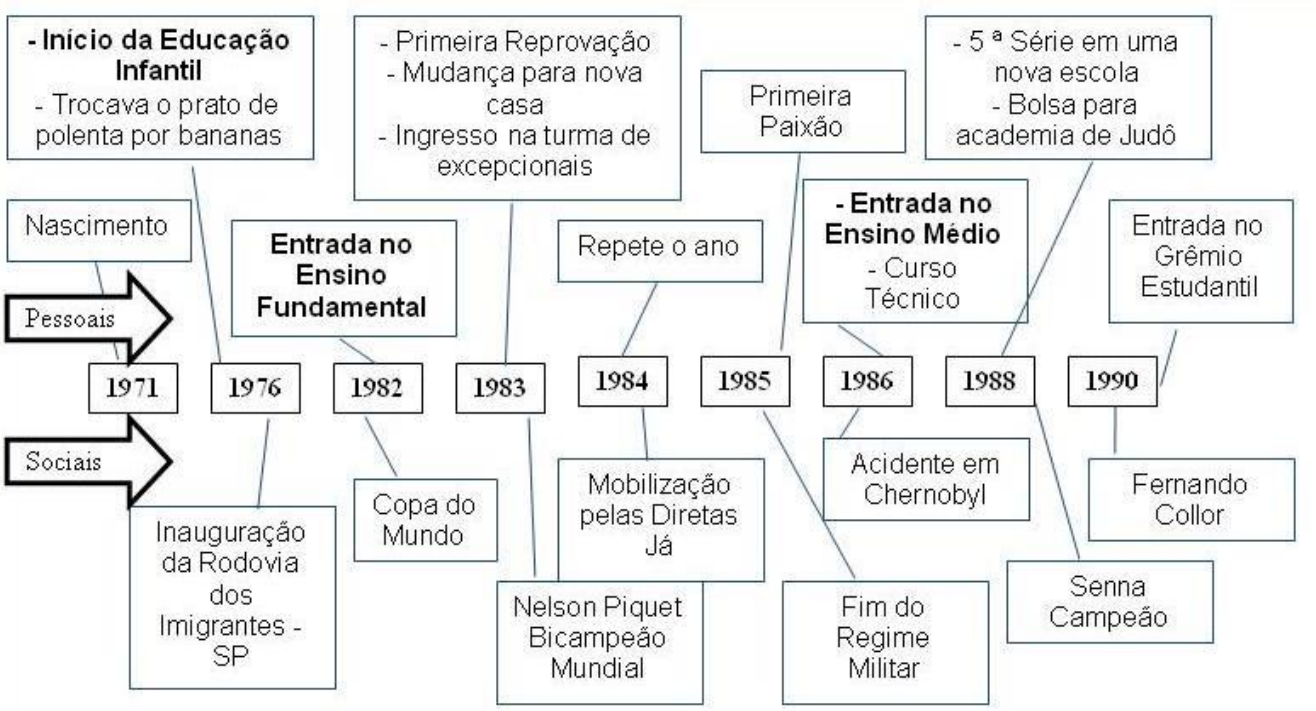
Os eventos sociais selecionados pelos alunos deste período de suas vidas referem-se ao Tsunami que ocorreu no Japão, a morte de Neil Armstrong – o primeiro homem a pisar na lua, as manifestações contra o governo, a Copa do Mundo sediada no Brasil e a tragédia da barragem em Mariana.

4.3 Linha da vida dos alunos mais velhos

Abaixo encontram-se as Figuras 8 e 9 referentes a linha da vida dos alunos mais velhos da classe, contemplando os principais e mais corriqueiros fatos sociais e pessoais desde o nascimento, ingresso na Educação Infantil, no Ensino Fundamental, Ensino Médio e ingresso no Ensino Superior.

A colocação de duas linhas do tempo justifica-se pelo fato dos alunos terem descrito diversos acontecimentos de variados anos, de maneira que a análise e leitura dos eventos tornam-se mais claras ao serem divididas entre duas linhas do tempo.

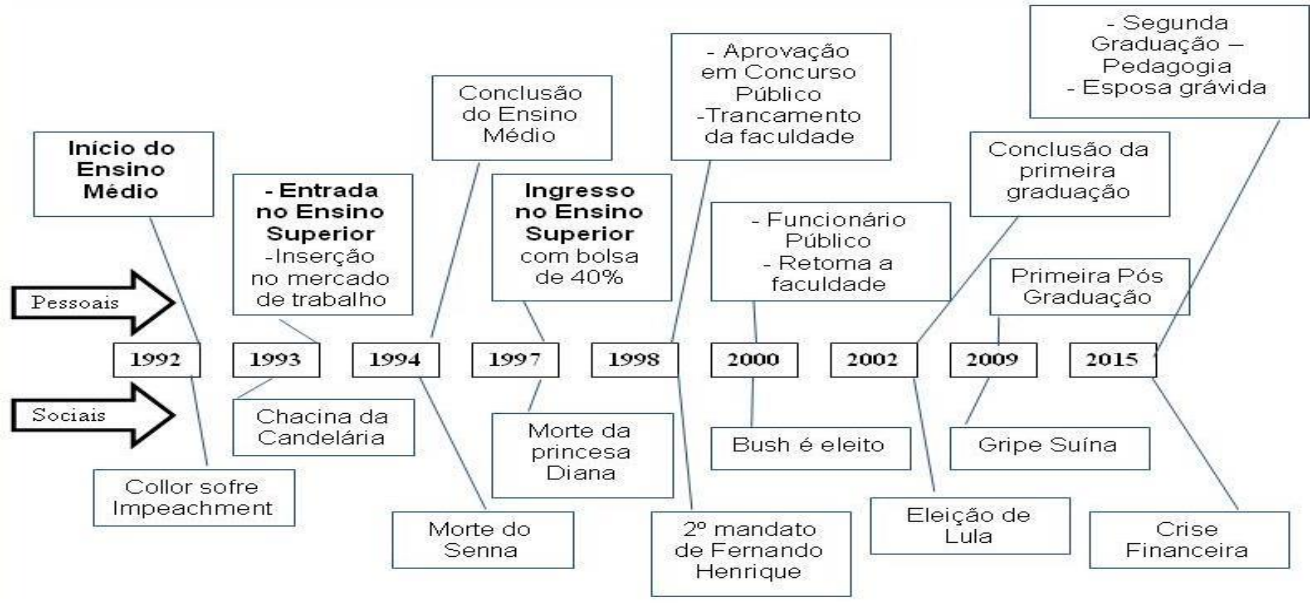
Figura 8 - Linha da vida dos alunos mais velhos (período de 1971 a 1990).



Fonte: A autora.

A Figura 8, como pode ser observada, retrata o período entre 1971 e 1990 da linha da vida dos alunos mais velhos da turma, englobando acontecimentos entre a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Figura 9 - Linha da vida dos alunos mais velhos (período de 1992 a 2015).



Fonte: A autora.

A Figura 9 retrata o período entre o ano de 1992 e 2015 da linha da vida dos alunos mais velhos da sala, contemplando acontecimentos do Ensino Médio e, principalmente, do Ensino Superior.

Os alunos mais velhos são sujeitos há mais tempo e constituíram-se como sujeitos educativos há certo período, de maneira que, além de ocuparem o papel de aluno, ocupam ou já ocuparam diversos outros papéis sociais – empregos, carreira, cursos superiores anteriores, papeis familiares – papéis estes constituintes de quem são ou de quem ainda se tornarão futuramente.

Estes alunos pensam diferente e se portam diferente tendo em vista que sua trajetória de vida também foi diferente da geração atual. Ao compararmos as linhas da vida dos alunos mais novos e dos alunos mais velhos, percebem-se distintos aspectos que são passíveis de análise e serão apresentados a seguir.

De imediato, pode-se perceber a diferença entre os acontecimentos sociais citados pelos dois grupos de estudantes. O grupo de alunos mais velhos apresentam muito mais fatos sociais ligados a política do que os alunos mais novos, enquanto os alunos mais novos apresentam mais fatos sociais ligados a mídia – famosos, futebol ou tragédias – do que os mais velhos, indicando a diferenciação cultural das duas gerações e os conseqüentes interesses pessoais dos dois grupos, que destacaram acontecimentos sociais conforme estes mais marcaram suas trajetórias de vida.

Outro aspecto trata-se da trajetória pessoal dos dois grupos. Ao analisarmos as linhas do tempo dos mais jovens e dos mais velhos separadamente, percebe-se que os acontecimentos escolhidos como merecedores de destaque e relevância na reconstrução das suas trajetórias de vida também se diferenciam: enquanto a linha da vida dos mais velhos é pautada, principalmente, em acontecimentos acadêmicos e profissionais – reprovação, ingresso na turma de excepcionais, curso técnico, grêmio, bolsa de estudo, mercado de trabalho, emprego público, pós graduação – a linha do tempo dos mais jovens fundamenta-se, principalmente, em vivências familiares e pessoais ligadas a emoções ou sentimentos – morte e nascimento de um familiar, mudanças, separação dos pais, uma má professora, primeiro vídeo game, apresentações na escola, discriminação, descoberta sexual, namoro – sendo notória, então, a diferenciação na forma de enxergar, resgatar e revivenciar o passado de ambos os grupos, evidenciando que o resgate da memória educativa depende, também, da singularidade e caminho percorrido de cada sujeito, já que esta singularidade influenciará na visão do passado de cada um e consequentemente na maneira como este passado será resgatado.

Por fim, é interessante destacar que, a partir de determinado período acadêmico, a linha da vida dos dois grupos começa a apresentar aspectos parecidos: a inserção no ensino superior. Apesar de ocorrerem acontecimentos diferentes neste período, percebe-se que ambos os grupos focalizam suas vidas para a área acadêmica, havendo um maior investimento na área profissional.

Ao analisar a linha da vida dos alunos mais velhos separada da dos mais novos, percebe-se a importância em não se tratar um aluno apenas como

aluno, sem levar em consideração toda a sua história de vida e singularidades adquiridas no decorrer das experiências vivenciadas por cada um. Diante disso, pensa-se em uma sugestão, uma possível divisão das turmas que virão entre faixas etárias, de maneira que esta singularidade seja respeitada e, principalmente, aproveitada, tendo em vista que muitos alunos mais velhos acabam mantendo-se afastados das dinâmicas por vergonha ou receio de serem confundidos com monitores ou professores – fator este que acaba interferindo e atrapalhando dinâmicas Sociopsicodramáticas, já que uma parcela dos estudantes acaba não participando ou se envolvendo de fato.

4.4 Identificação do Professor

Conforme as dramatizações na sala de aula eram realizadas, temas referentes àquelas vivências iam surgindo. Ao surgir o tema a respeito do papel do professor e dos 'tipos' de professores que os alunos já haviam se deparado no decorrer das suas trajetórias escolares, deu-se início a narrativas a respeito de cenas boas e ruins relacionadas à relação professor – aluno.

Os Memoriais Educativos Finais dos alunos também aludiram ao papel do professor no decorrer de suas narrações, onde, dependendo do período escolar, percebemos diferentes identificações deste professor, dentro de cenas boas ou cenas ruins, como pode ser observado na Tabela a seguir:

Tabela 3 – Identificação do Professor nos Memoriais Educativos Finais

	Cenas boas	**Cenas ruins**
Educação infantil	- Professora doce e atenciosa; - Professora paciente, paciência admirável com os alunos; - Professora dedicada e gentil; - Professora maravilhosa, cuidadosa e carinhosa; - Professora atenciosa; - Professora que expressava amor pela profissão; - Professora que ajudou a vencer barreiras pessoais	- Professora muito chata

Ensino Fundamental	- Professora com postura adequada em sala de aula; - Professora dedicada, com uma didática bem dinâmica; - Professora acolhedora, ensinou a lidar com o bullying; - Professora atenciosa, sempre tirava as duvidas; Professora esforçada em passar o conteúdo; - Professora dedicada, não fazia provas difíceis.	- Professora sem didática; - Professora severa nas provas; - Professora passava muitos exercícios e pouca explicação; - Professor ausente, faltava com freqüência; - Professor rígido quanto ao mapeamento da sala; - Professora mal humorada, rígida e indelicada; - Professor com rigidez militar - Professor perseguidor, perseguição com a aluna; - Professora racista - Professor violento, uso da palmatória
Ensino Médio	- Professores incríveis, dispostos a doarem-se pela educação; - Professor com didática excelente, mesmo tendo dificuldade na matéria; - Professores calorosos, mais humanos com os alunos; - Professor amigo, marcou a vida dos alunos pela amizade com estes; - Professor exemplo, um modelo para os alunos; - Professor inspirador.	- Professor ausente, com inúmeras faltas; - Professor sem didática para dar aula; - Professor sem interesse em ensinar; - Professor desleixado com o ensino; - Professores autoritários, com aulas sufocantes; - Professores rígidos e carrascos; -Professores com aulas monótonas, sem dinâmica; - Professores com pouca paciência e incompreensíveis.
Ensino Superior	—	—

Fonte: A autora

Ao analisar a Tabela 3, verifica-se diferentes identificações do ‘ser professor’ pelos alunos no decorrer de suas Memórias Educativas.

É interessante perceber que no período da Educação Infantil, as cenas ruins praticamente não existem ou não são citadas, predominando a identificação de uma boa professora, doce e atenciosa, paciente, dedicada e gentil, cuidadosa e carinhosa, atenciosa, que expressava amor pela profissão e que ajudava na superação de barreiras pessoais.

Tratando-se do período do Ensino Fundamental, nota-se uma diferença quanto à identificação do professor durante a narrativa dos estudantes. As cenas boas referentes a boas identificações do educador ainda

existem, porém, as cenas ruins passam a surgir com mais frequência. Quanto as boas identificações relacionadas às cenas boas, tem-se a professora com postura adequada em sala de aula, a professora dedicada, com uma didática bem dinâmica, a professora acolhedora, que ensinou a lidar com o bullying, a professora atenciosa, que sempre tirava as dúvidas, a professora esforçada em passar o conteúdo e a professora dedicada, que não fazia provas difíceis. Em relação às cenas e identificações ruins, tem-se a professora sem didática, a professora severa nas provas, a professora que passava muitos exercícios e pouca explicação, o professor ausente, que faltava com freqüência, o professor rígido quanto ao mapeamento da sala, a professora mal humorada, rígida e indelicada, o professor com rigidez militar, o professor perseguidor, que perseguia aluna, a professora racista e o professor violento, que fazia uso da palmatória.

Quanto ao Ensino Médio, percebe-se que as cenas ruins são novamente ampliadas quando comparada às cenas das séries iniciais. Tratando-se das cenas e identificações boas, têm-se os professores incríveis, dispostos a doarem-se pela educação, o professor com didática excelente, mesmo com o aluno tendo dificuldade na matéria, os professores calorosos, mais humanos com os alunos, o professor amigo, que marcou a vida dos alunos pela amizade com estes, o professor exemplo, que era um modelo para os alunos e o professor inspirador. A respeito das cenas e identificações ruins, nota-se o professor ausente, com inúmeras faltas, o professor sem didática para dar aula, o professor sem interesse em ensinar, o professor desleixado com o ensino, os professores autoritários, com aulas sufocantes, os professores rígidos e carrascos, os professores com aulas monótonas, sem dinâmica e os professores com pouca paciência e incompreensíveis.

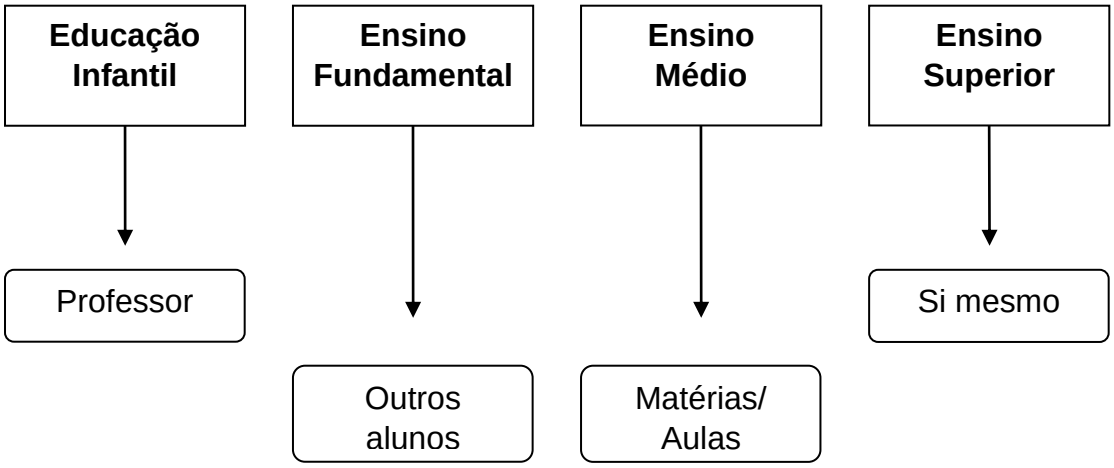
Quanto ao Ensino Superior, não é possível encontrar cenas narradas nos Memoriais Educativos relacionadas ao professor, fato que será melhor discutido na Discussão desta pesquisa.

4.5 Identificação dos alunos como sujeitos

Além das categorias já expostas de análise – diferenças entre o Memorial Educativo inicial e o final, linha da vida, alunos mais velhos e identificação do professor – a respeito da escrita do Memorial Educativo, percebemos, também, uma última categoria importante e marcante no decorrer das leituras dos Memoriais Educativos Finais: a constituição de 'sujeito' vivenciada e desenvolvida pelos alunos no decorrer dos períodos escolares até o momento atual.

A Figura a seguir ilustra o foco das narrativas dos estudantes de acordo com a etapa educativa vivenciada:

Figura 10 – etapas do processo da identificação dos alunos como sujeitos.



Fonte: A autora.

Ao relatarem suas Memórias Educativas relacionadas ao período do Ensino Infantil, percebe-se que o foco das narrativas dos estudantes volta-se para o professor, proferindo ao educador a relevância das vivências dessa etapa escolar, com pouca ou nenhuma menção sobre outros alunos e sobre si mesmo.

Quanto às narrativas a respeito do Ensino Fundamental, percebe-se que o foco e a imagem do professor primário vai, aos poucos, sendo desconstruída, dando lugar a vivências relacionadas, principalmente, a outros

alunos – amigos, inimizades, casos de bullying – e a pequenos relatos quanto ao início da auto descoberta – por exemplo, a sexualidade.

Tratando-se do Ensino Médio, pode-se notar a continuidade da desconstrução da imagem do professor, que vai dando lugar ao foco nas matérias e nas aulas, havendo a diferenciação por parte dos alunos entre o conteúdo e o professor responsável pelo conteúdo. Durante as narrativas também é passível de destaque o fato de que é nesse período que os alunos começam a ter preferências e tomar decisões, principalmente a respeito do seu futuro profissional, desenvolvendo-se, então, um sujeito educativo que se posiciona quanto ao seu lugar na sua própria trajetória.

Por fim, no Ensino Superior, percebe-se a mudança na ênfase do discurso dos estudantes, nota-se uma narrativa muito mais voltada para a primeira pessoa, onde os estudantes colocam suas expectativas, seus receios, suas angústias e suas conquistas. Não encontramos falas sobre seus colegas de classe ou sobre seus professores, suas palavras são voltadas para eles mesmos – destacando-se o momento em que eles são deparados a escreverem seu próprio Memorial Educativo, identificando-se como sujeitos de sua história, de suas escolhas, sujeitos da sua própria vida.

4.6 Uma Narrativa Sociodramática

Iniciamos a aula destinada à preparação da primeira versão do Memorial Educativo. Os alunos já haviam feito um esboço em casa (Atividade 1), e iriam para a Atividade 2, que teriam que entregá-la posteriormente à dramatização do dia. A partir do primeiro esboço, eles deveriam melhorá-lo e entregar o que chamamos de Memorial Educativo Inicial. Para a preparação do Memorial Educativo inicial, realizamos a seguinte dramatização:

Aquecimento Inespecífico

Iniciou-se a aula falando-se sobre a necessidade do Memorial Educativo diante do fato de que era uma maneira dos alunos se implicarem e se envolverem no trabalho do semestre como um todo. Então, foi explicado

para os alunos que se tratava do trabalho final do curso e que equivaleria a 60% da nota, sem a exigência de respostas certas ou erradas, tendo em vista que seria uma escrita extremamente particular, de maneira que não daria para copiar ou colar, nem mandar alguém fazer: era algo que eles que teriam que desenvolver no decorrer do semestre. Também foi falado que seria um trabalho muito valorizado, já que se os alunos realizassem muito bem esta atividade, já teriam o suficiente para passarem na matéria. Todos esses fatores expostos em sala de aula acabaram deixando os estudantes animados a respeito do que viria a seguir.

Como, anteriormente, havia sido entregue uma atividade para que eles preenchessem com os aspectos bons e ruins da vivência escolar, a turma foi dividida em duas partes: entre aqueles que haviam colocado mais aspectos bons e aqueles que haviam colocado mais aspectos ruins. No final da divisão, haviam mais alunos do lado dos aspectos bons e muito menos estudantes do lado dos aspectos ruins. Todos esses aspectos estavam ligados a Educação Infantil e ao início do Ensino Fundamental, nenhum aluno havia colocado aspectos referentes aos outros períodos escolares.

Após a divisão da turma e a percepção de quais situações boas e ruins eles haviam citado e sobre quais períodos escolares esses aspectos estavam relacionados, todos ficaram de pé e iniciaram-se algumas dinâmicas para que a turma pudesse interagir. Primeiramente os alunos foram divididos de acordo com o signo, cada um foi se agrupando de acordo com seu signo de maneira que foram se percebendo e percebendo suas diferenças. Posteriormente, os alunos foram reagrupados por elementos correspondentes aos signos (terra, ar, água, fogo), seguidos de uma nova organização onde o professor pediu para que eles dissessem o que eles gostariam de saber um sobre os outros – estávamos aquecendo para chegar a um assunto mais específico.

Diante do questionamento sobre o que gostariam de saber um sobre os outros, as respostas foram, primeiramente, referentes à localidade de moradia, de maneira que os alunos foram se agrupando conforme os lugares onde cada um morava. O segundo questionamento feito pelos estudantes foi referente à cidade de nascimento, de maneira que houve um novo

agrupamento de acordo com o local onde cada um havia nascido. O terceiro questionamento referiu-se a reprovação, quem já havia reprovado e quem nunca havia reprovado, tendo um novo reagrupamento da turma. O quarto questionamento tratou-se da certeza ou não a respeito do curso de Pedagogia, de maneira que a conversa foi se encaminhando para o tema relacionado à educação.

Após os agrupamentos entre os alunos, o professor tornou a questioná-los a respeito dos aspectos escolares bons e ruins, porém, com uma diferença: os alunos foram questionados sobre a primeira **memória** que surgia na cabeça deles a respeito da escola, e se essa primeira memória era algo bom ou ruim, de maneira que, dessa vez, a maioria dos alunos acabou ficando do lado ruim.

O professor, então, reservou as cenas boas e focalizou nas cenas ruins, perguntando, em seguida, quais eram essas cenas, se alguém gostaria de começar narrando sobre essa memória. Diante do fato de que o professor estava próximo a um grupo de alunas, ele perguntou para elas se não gostariam de compartilhar a cena, de maneira que, ao fazer esse questionamento para a terceira aluna, esta, imediatamente, começou a chorar, deixando toda a turma tensa, sem saber o que poderia acontecer, diante do fato dos alunos não estarem habituados com aquele tipo de vivência.

A aluna em questão resolveu, então, relatar a cena: ela lembrava que estava com 5 anos, em uma escola na periferia de Brasília, quando uma colega de classe passou giz de cera nos seus dentes porque queria que eles ficassem coloridos e que, dessa forma, ela passaria a sorrir mais. Porém, essa colega acabou sendo muito violenta com ela, de maneira que os dentes ficaram marcados por mais de uma cor. Diante do fato de que a criança havia passado mais de um giz de cera nos dentes da aluna, ela relata que ninguém interferiu ou a defendeu, nem a professora, nem os demais colegas de classe. Pelo contrário, a professora a encaminhou para a diretoria como se ela fosse a culpada do ocorrido. Essa aluna revela, então, que a sua grande mágoa não foi o ato da violência em si, mas sim do fato de ninguém ter feito nada sobre o ocorrido.

Diante disso, o professor optou por não trabalhar com essa aluna naquele momento, diante do fato de que ela estava muito mobilizada e de que o restante do grupo não havia apresentado uma implicação a respeito dessa cena. Por isso, o professor cuidou da aluna deixando-a sentada junto com a sua melhor amiga, para que observassem o que viria em seguida, de maneira que, caso ela quisesse voltar a participar, ela poderia, assim como poderia ir ao banheiro, ou até mesmo ir embora caso julgasse necessário. O professor a deixou bem livre a respeito do que fazer. Ela optou por ficar sentada, com a amiga do lado, até o final da aula, optando em não participar.

Aquecimento Específico

O aquecimento específico iniciou-se quando os alunos começaram a falar exatamente do que foi pior para eles nas suas próprias cenas ruins. A estratégia utilizada foi deixar a turma livre para que quem quisesse compartilhar sua cena, falasse abertamente para a turma.

Uma aluna iniciou relatando que a pior cena para ela foi relativa a um período que ela tinha uma pinta no rosto e todos implicavam com ela, de maneira que ela se sentia muito magoada com aquilo – considerado, hoje em dia, um tipo de bullying. A partir desse relato, todos os outros alunos que quisessem falar sobre bullying ou sobre chateações causadas por outros colegas, poderiam ir para o lado dessa aluna. Um dos relatos tratou-se da discriminação religiosa que o aluno havia sofrido, enquanto outro referiu-se a discriminação que sofria devido a sua cor, deixando claro que isso sempre lhe causou chateação e frustração.

Outra aluna, então, relatou que sua lembrança ruim era devido a um acidente: ela havia quebrado o braço e não dava para escrever direito, de maneira que, as vezes, ela se sentia excluída, como se tivesse alguma necessidade especial durante os 6 meses que teve que ficar com o braço imobilizado e que tudo isso havia sido muito constrangedor para ela. Outros também relataram que tiveram que faltar algumas aulas devido a torções e que isso ocasionou muitos problemas posteriormente, tendo esse tema como parte de uma cena ruim.

Até que um terceiro grupo iniciou relatos sobre cenas em que havia toques físicos: alunos que batiam em alunos, professores que beliscavam, jogavam giz no aluno, até o momento em que uma das alunas afirmou ter sofrido palmatória. Esse foi o clímax da vivência, onde a aluna afirmou que no interior da Bahia a professora usava o método de palmatória em pleno século XXI, um castigo físico que chocou os alunos. Esse foi o momento em que o tema protagônico escolheu o protagonista, diante do fato de que, de repente, o grupo ficou impactado com a cena da palmatória, sendo conclusiva a escolha do tema quando uma segunda aluna também relata que sofreu a palmatória, em outra cidade do interior do Ceará. Percebeu-se, então, que a violência do professor contra os alunos foi uma prerrogativa da experiência vivida e memorizada, que eles lembraram como sendo ruim.

Ação/ Dramatização

Iniciou-se, então, a fase da dramatização, trazendo a cena primária da palmatória como as pessoas se lembravam, preservando o bem estar do protagonista mas revivendo o acontecimento.

As duas alunas estavam motivadas a rever a cena, não estavam chorando, tinham certo sentimento relacionado a raiva mais do que a mágoa. Sentimentos como a raiva fazem com que o sujeito seja proativo, em contrapartida, sentimentos como a mágoa fazem com que o sujeito seja mais depressivo. A raiva as levava a agir, levando o grupo inteiro a participar. O professor Paulo, então, começou a utilizar-se de algumas técnicas, como o solilóquio (ao pedir para que o aluno falasse alto aquilo que ele estava pensando), o duplo (orientando para que quando alguém quisesse falar no lugar da pessoa que esta pensando, que colocasse a mão no ombro dessa pessoa e falasse), o espelho (para o aluno imitar o que o outro esta falando, de maneira que esse outro percebesse o que estava fazendo) e a inversão de papeis (um se colocaria no lugar do outro). Tudo isso deu certa agilidade na dinâmica do grupo, já que quem queria falar tinha que levantar do seu lugar, colocar a mão no ombro da pessoa e falar como ela queria falar, por exemplo.

Durante as falas, ouviu-se muito sobre o lugar de sofrimento do aluno, que tão criança precisou passar por isso. Ressalta-se aqui que as duas alunas que relataram a palmatória ficaram juntas no decorrer da vivência. O grupo, então, começou a perceber que havia um problema na relação entre a professora e seus alunos, pois a professora 'abusava' do aluno pela violência.

O professor Paulo, então, começou a construir, junto com os alunos, a imagem da professora, colocando os atributos desse professor. O primeiro atributo que surgiu foi relativo ao saber da professora, caracterizando este personagem como alguém que "sabe muito". Diante disso, um dos alunos ficou do lado dessa característica de maneira que concretizasse esse adjetivo. O outro atributo referiu-se a alguém que "é importante", alguém que "é poderoso..." Foi-se construindo a personagem 'professora'. Esta professora também foi construída pelos alunos que tiveram boas experiências, onde estes afirmaram que a professora se tratava de alguém que eles "tinham algum afeto", "tinham respeito", "dedicação", "comprometimento..." Dividiu-se, então, os atributos bons e ruins – cada um de um lado – sendo que uma cadeira foi colocada no meio, vazia, para que fosse preenchida pelo personagem 'professora' que iria dialogar com o aluno.

Posteriormente, foi-se formando a personagem 'aluna', com os atributos ruins e bons. Os ruins referiram-se a aluna bagunceira, que não prestava atenção, que conversa na aula, que só pensa na hora do recreio, que provoca, que faz bullying... Os atributos bons caracterizaram-se pela aluna curiosa, dedicada, estudiosa, inteligente... De maneira que, com as duas cadeiras viradas uma para a outra (a da personagem professora e da personagem aluna), buscou-se enxergar como a aluna via a professora e, depois, como a professora via a aluna.

Todos que quiseram entraram ora no lugar da aluna, ora no lugar da professora, de maneira que, as duas que relataram a cena da palmatória não quiseram entrar no lugar da professora neste primeiro momento. Daí em diante os alunos começaram a relatar como era essa interação, com um diálogo entre a professora e a aluna. Durante a vivência, a professora era colocada em um nível hierárquico superior, inclusive, uma das alunas subiu na cadeira para que houvesse a verticalização de cima para baixo. As falas foram, então, ficando

mais entusiasmadas, surgindo perguntas como “porque a senhora esta ai em cima?” ou “a senhora não desce aqui em baixo?” e as respostas, advindas dos alunos que estavam como professores, eram como “quando você estiver no meu nível a gente fala daqui, enquanto você não chega lá você tem que obedecer, cumprir as ordens...” Até que alguém questionou a personagem “professora” se ele não sentia nada, se não tinha amor, qual sentimento era envolvido? Iniciou-se, então, algumas falas sobre os sentimentos envolvidos entre a professora e a aluna. Esses sentimentos deram início com 1) a raiva, seguido do 2) respeito, 3) admiração/amor e o 4) desejo de ser como ela é. Dentro desses quatro sentimentos, os alunos começaram a se posicionar. As cadeiras da professora e da aluna foram afastadas e todos entraram na relação desses sentimentos, dividindo os alunos entre a raiva, o respeito, a admiração e o desejo de ser como a professora, e começando um diálogo entre si em solilóquio – cada um falava o que queria de maneira que os sentimentos foram se interligando.

Em seguida, alguns ficaram como professores, outros ficaram nos sentimentos e todos os outros no papel das alunas. A idéia era que eles fizessem uma imagem na qual os alunos que estavam nos personagens “professora” e “aluna” pegassem uma das mãos ou braços de um sentimento que mais seria típico na relação com a professora, assim como na relação da professora com a aluna. A maior parte dos alunos que estavam do lado da personagem “aluna” agarrarou no braço da admiração/amor, enquanto os alunos que estavam do lado da personagem “professora”, agarraram-se no braço da raiva/admiração.

Para finalizar, o professor Paulo pediu para que as estudantes que haviam relatado as cenas da palmatória se colocassem no lado dos personagens aluna e professora. Ao experimentarem o lado dos alunos, foi questionado para elas o que gostariam de falar hoje, para aquela professora que utilizou a palmatória. Uma das alunas falou algo como: “professora, você não devia fazer isso, isso não se faz, não se bate mais em criança, a gente é tão indefesa que qualquer coisa que você fizesse já era grande, e bater foi maior ainda.” A outra aluna também se posicionou, afirmando que se fosse hoje ela iria atrás dos seus direitos para que, no mínimo, a professora fosse

demitida. No fim, havia três alunas segurando o braço da raiva, as duas alunas da palmatória e mais uma, enquanto todo o resto da turma permaneceu segurando o braço da admiração/amor. Em seguida, essas alunas puderam entrar no lugar da professora – inversão de papeis – de maneira que foram questionadas porque utilizavam palmatória nos alunos. Percebeu-se uma dificuldade no posicionamento delas no papel da professora, diante do fato de que elas falaram coisas como: “professor é covarde”, mostrando que ainda estavam inseridas no papel de alunas, mesmo no lugar da professora – não entraram no papel. Outros alunos também inseriram-se no papel da professora e, ao inverter os papeis, falaram coisas como “eu fui educada dessa maneira, eu também passei por isso, estou reproduzindo o que eu também fui vitima, se faço é porque fizeram comigo.”

Foi questionado, por fim, como as duas meninas das cenas da palmatória gostariam de finalizar aquela cena. Uma outra aluna ficou como professora e elas ficaram como alunas, de maneira que elas puderam modelar o corpo da pessoa da forma que elas gostariam, e elas assim o fizeram: colocaram a professora virada para a janela, enquanto elas se viraram para o quadro, ficando uma de costas para as outras, sem nenhum relacionamento visual com essa professora.

Compartilhamento

O compartilhamento trata-se da troca dos sentimentos vividos na dramatização. O professor Paulo questionou, então, sobre o que os alunos haviam sentido, primeiro quando estavam no papel da professora. Os alunos responderam que sentiram dor no estômago. Um aperto no estômago foi referido por se tratar de um lugar muito difícil, por ao mesmo tempo ser uma pessoa que faz o bem, que ensina, mas que também faz o mal, porque bate. Afirmaram não se tratar de um lugar muito confortável.

Depois foi questionado o que eles haviam sentido quando estavam nos papeis dos sentimentos. Os alunos responderam que o pior sentimento de se vivenciar foi a raiva, porque é como se fosse uma agressão a alguém, afirmando que não se trata de um bom lugar. De um modo geral os alunos

compartilharam sentimentos de admiração e afetividade positiva para com o professor – a tal ponto de usarem a palavra ‘amor’.

Posteriormente, questionou-se as alunas da história da palmatória como haviam se sentindo naquela vivência, já que a história delas havia sido doada ao grupo e o grupo apropriou-se dela em Sociodrama. Elas responderam, então, que no início havia uma raiva que parecia que não ter fim, mas que naquele momento, após a dramatização, essa raiva parecia não ser mais tão grande, com um fim, proporcionando um grande alívio. Afirmaram também que achavam que durante o curso de Pedagogia é que elas iriam talvez refazer o papel de “professora”, que seriam professoras diferentes para não serem uma professora ruim como as que elas tiveram, já que elas tiveram uma marca ruim e não gostariam que mais ninguém tivesse.

Em seguida, uma das meninas da palmatória dialogou com a aluna do episódio do giz, que ainda estava sentada com sua melhor amiga, afirmando que o que elas sentiram ao receber a palmatória, o fato de ninguém ter feito nada a respeito, foi muito parecido com o que ela havia sentido e que isso a encorajou a abrir no grupo a sua história.

A aluna da cena do giz respondeu afirmando que o problema dela era diferente, mas que era bom ter visualizado tudo isso de maneira que a fez enxergar que os problemas têm solução e que estar na UnB é muito bom para que se aprenda essas coisas para conseguir seguir em frente, terminando de forma positiva a aula desse dia.

O professor Paulo terminou a aula e orientou os alunos que escrevessem o Memorial Educativo inicial à luz de toda essa história que havia sido compartilhada.

CAPÍTULO 5 – ANÁLISE E DISCUSSÃO

Costumamos utilizar a palavra ‘sujeito’ para identificar pessoas em seus diversos aspectos subjetivos e singulares, porém, faz-se necessário destacar as duas faces que esta palavra carrega: ser sujeito trata-se de se assujeitar a algo ou alguma coisa, ao mesmo tempo em que também traz o significado de protagonizar algo ou alguma coisa. Suas duas faces estão viradas para cima, ao mesmo tempo. Ser sujeito é assujeitar-se e apropriar-se na mesma proporção. Tomemos como exemplo um professor inserido em uma instituição escolar, ao estar na escola é preciso sujeitar-se às regras da instituição enquanto media-se a aprendizagem dentro da sala de aula como um grande protagonista da docência. Tem-se ambas as faces vivenciadas ao mesmo tempo.

Ao pensar em sujeitos, pensa-se na Universidade como um grande espaço onde diversas atividades são realizadas de maneira que ‘sujeitos alunos’ são submetidos a estas práticas e, diante disso, muitos acabam sendo constrangidos para a realização destas, seja ao fazê-las, seja pela didática do professor, pelo seu posicionamento em sala de aula ou até mesmo pelo seu método de avaliação.

Este constrangimento também pode vir do próprio grupo que o aluno está inserido ou até mesmo pela carreira desconhecida por ele que, conforme freqüenta o curso e realiza estas atividades, percebe que aquela profissão não condiz com o que ele imaginava anteriormente, no momento que havia feito a sua escolha.

Ao tomar consciência de que não deseja mais fazer parte daquele âmbito profissional, muitos alunos desistem do curso escolhido e resolvem investir em outra área de ocupação profissional. Bom, ao refletir a respeito desta situação, dois fatos são interpostos: primeiro o fato de, de certa forma, o aluno ter fraquejado na sua primeira escolha profissional, que, ao mesmo tempo, inserindo-se o segundo fato, tem-se o episódio do fortalecimento a respeito daquilo que ele realmente almeja fazer profissionalmente. Esta tênue linha entre o fraquejar e o fortalecer trata-se, justamente, da tomada de decisão que o faz tornar-se um **sujeito** educativo, que é aquele que toma consciência

das suas escolhas e as faz com propriedade, inserido na identidade do assujeitar-se e apropriar-se. Almeida (2002) ressalta que a identidade é "entendida como um lugar de lutas e conflitos, um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão."

Ao retomarmos os resultados desta pesquisa, em relação à construção da identificação do 'ser sujeito' dos alunos, percebe-se que esta identidade foi sendo adquirida e moldada com o decorrer das experiências vivenciadas pelos estudantes em cada período escolar. É na Educação Infantil que mais se fala sobre o professor, tendo este como referência e modelo. Passada a Educação Infantil, percebe-se um distanciamento do 'professor referência' no Ensino Fundamental e Médio, períodos em que os estudantes narram muito mais a respeito de outros alunos e de suas adaptações com outros professores e conteúdos, descaracterizando este "educador referência" das séries iniciais. O mais instigante é perceber que, no momento em que eles ingressam e passam a frequentar o Ensino Superior, o professor deixa de aparecer em suas narrações e inicia-se a percepção deles mesmos como sujeitos educativos frente a adaptações e escolhas, iniciando uma apropriação ou desapropriação de vivências que refletirão em suas carreiras futuramente. "... faz sentido crer que a maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente do que somos como sujeitos." (Almeida, 2004).

Diante desse sujeito educativo, pensa-se no questionamento de como poderíamos auxiliar este sujeito, quais dispositivos pedagógicos poderiam ser utilizados de maneira que fosse possível uma interferência no 'tornar-se' sujeito educativo dos alunos.

Antes de aqui inserirmos e discutirmos os dispositivos utilizados nesta pesquisa, faz-se necessário discutir a respeito do Projeto do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília. O curso de Pedagogia da Universidade de Brasília foi elaborado através de uma Pedagogia de Projetos que coloca o aluno no centro das atividades. Ele deve ser o protagonista, não apenas um sujeito passivo que se assujeita ao que lhe é proposto. O currículo de Pedagogia foi montado para que este 'sujeito protagonista' emergisse desde o primeiro semestre inserido no Projeto 1, em conjunto com as disciplinas de Oficina Vivencial e Investigação Filosófica, passando pelo Projeto 2 e pelo

Projeto 3, chegando ao Projeto 4 capacitado e consciente das suas decisões e escolhas; tendo o Projeto 5 como espaço de relato da prática vivenciada no Projeto 4. No momento que este aluno estivesse inserido no Projeto 5, haveria uma ocasião em que o estudante faria uma revisão do seu percurso pedagógico, não apenas o percurso universitário, mas também o anterior, fazendo uma avaliação de como ele se constituiu e se constitui como sujeito educativo. Este relato trata-se da primeira parte do trabalho final de curso e trata-se do Memorial Educativo, um dos dispositivos pedagógicos utilizados nesta pesquisa.

> Memória Educativa. Por meio desta, os professores... puderam relatar e escrever suas trajetórias como alunos, nos diferentes níveis da instituição escolar e, a partir disso, refletiram sobre aspectos e marcas inscritas ao longo de suas histórias de vida, reconhecendo-os como relevantes na escolha docente e formação de seus estilos na atuação pedagógica. (Bomfim e Chauvet, 2010).

Muitas pesquisas foram realizadas com o Memorial Educativo, destacando-se a Professora Inês Maria Z. P. de Almeida como a que mais orientou teses e monografias a respeito do tema, por exemplo, podemos destacar: Constituição da subjetividade docente: as implicações na prática educativa – Prazeres, 2009; Memorial: uma escrita de si – Segunda, 2011; Memória Educativa: marcas da subjetividade discente – Vila Verde, 2013, revelando que os alunos possuem memórias relacionadas aos professores primários, às suas dificuldades, superações e à diversas outras questões que norteiam suas vidas e que as influenciam a partir da maneira que eles se posicionam frente a estas memórias.

Diante disso, ao pensar na Memória Educativa como um recurso pedagógico que auxilia os alunos a se identificarem e compreenderem seu percurso educacional, questiona-se se haveria algum recurso pedagógico que pudesse facilitar, ajudar e orientar o aluno a penetrar no universo do Memorial Educativo. Nesse intuito, para esta pesquisa foi utilizada uma metodologia vivencial oriunda do Sociopsicodrama com o objetivo de facilitar a escrita do Memorial Educativo e o reconhecimento dos alunos como sujeitos educativos.

Torna-se passível de questionamento, então, se, de fato, a técnica vivencial interfere na escrita do Memorial Educativo e, a posteriori, como ocorre essa interferência.

Memorial Educativo e Sociopsicodrama como dispositivos pedagógicos complementares

Interferir trata-se de algo proposital, é algo intencionalmente colocado para o aluno. Qualquer interferência, principalmente na área pedagógica, não pode ser considerado como algo natural, de maneira que, ao interferir, o professor insere atividades que têm por finalidade facilitar, de alguma forma, a aprendizagem dos alunos, colocando o aluno para pensar, refletir ou escrever sobre determinado assunto. Nesse sentido, pensando nesta pesquisa, foi planejado um curso de Investigação Filosófica, no qual algumas atividades propostas caminhavam e se complementavam em determinado grau de dificuldade – mais fácil para o mais difícil: na primeira Atividade proposta em sala de aula os alunos tiveram apenas de citar algumas cenas boas ou ruins relativas à sua infância, Atividade esta seguida de uma vivência Sociopsicodramática, caminhando, a posteriori, para a segunda Atividade, onde o grau de dificuldade aumenta, já que os alunos já deveriam escrever um primeiro texto sobre suas Memórias Educativas. A dificuldade das Atividades vai aumentando conforme as vivências são realizadas, de maneira que os alunos chegam ao final do semestre confeccionando escritas muito mais completas e detalhadas a respeito das suas vivências educacionais, realizando um Memorial Educativo totalmente diferente quantitativa e qualitativamente quando comparado ao primeiro texto do Memorial, relativo à segunda Atividade, mostrando a interferência das vivências Sociopsicodramáticas na escrita do Memorial Educativo Final.

A interferência das vivências Sociopsicodramáticas podem ser observadas ao retomarmos os resultados desta pesquisa, observando a diferença das categorias “temas”, “acontecimentos” e “personagens” presentes nas Tabelas 1 e 2, que surgem nos Memoriais Educativos iniciais e nos Memoriais Educativos finais. A comparação das duas escritas permite perceber que no primeiro Memorial encontra-se uma narração rápida, a história de vida

dos estudantes é contata superficialmente, enquanto que no segundo Memorial essa história é apresentada de maneira muito mais profunda, com um sentido e identidade de quem a escreveu.

A dramatização Sociopsicodramática não é uma didática, trata-se de uma metodologia, uma metodologia intimista, implicante e, ao mesmo tempo, divertida (Bareicha, 1999). A pessoa se dispõe a fazer não como um entretenimento, mas como uma atividade que o próprio indivíduo se enxerga nela, que promove um protagonismo do indivíduo e do grupo. Quando o sujeito percebe que terá a oportunidade de se expressar e se aprofundar sobre um tema que talvez ele não tenha tanto domínio, surge um interesse em se formar uma opinião, surge o interesse em formar-se um sujeito educativo, que forma e reconhece seus próprios valores.

Os temas emergentes da dramatização são relacionados à própria vida, o conteúdo é a vida do aluno e, por isso, ele acaba tendo mais interesse. Trata-se de uma maneira de provocar a turma a se implicar na sua própria história. Ninguém fica isento, ou se está na platéia, ou se está protagonizando, de maneira que a platéia pode ser chamada a qualquer momento para participar. “Os outros membros do grupo, a platéia , percebem, na narrativa psicodramática, um eco de si mesmos.” (Williams, 1994).

É o grupo que vai dizer qual o contexto em que se esta atuando, de maneira que aqueles ‘se sentam na cadeira’ estão no espaço grupal, enquanto aqueles que estão fora (professores, pais, memórias), estão no espaço social. A dramatização é feita no espaço psicodramático, enquanto a memória encontra-se no espaço social. No Psicodrama, a memória vem do social para o psicodramático e, ao estar no psicodramático, ela é reapropriada pelos participantes de maneira que estes a recolocam no espaço social de outra forma, compartilhando isso com o grupo. A metodologia psicodramática, permite, então, que as verdades coletivas advindas das memórias sejam ressignificadas, de forma que tenham nova utilidade no momento.

> Por meio das memórias e reminiscências, o sujeito também passa por processo semelhante. A escrita elaborativa pode exercitar funções de ressignificação e reelaboração da vida e também dos saberes, na medida em que o sujeito perceba e considere a existência de um saber não explícito, mas que revela “verdades” de si mesmo. (Bomfim e Chauvet, 2010).

Ao pensarmos na Memória Educativa, essa recolocação faz com que o aluno de Pedagogia dê um novo significado ao ‘ser professor’ que ele está começando a ser agora, por isso a importância da escrita do Memorial. O sujeito se constitui como professor dentro de um patamar já vivenciado e conhecido como aluno. Almeida (2002), a respeito da narrativa de uma verdade histórica, coloca que: “... na produção de uma *verdade histórica*, construí-la produziria uma nova relação com o vivido e poder-se-ia experimentar um presente cujo sentido não esteja contido no passado.” Percebe-se, dessa forma, a Memória Educativa como instrumento de apreensão da realidade vivida e as vivências Sociopsicodramáticas como metodologia para auxiliar na ressiginificação dessa realidade. Ao colocarmos a escrita e a ação para trabalharem em conjunto, tem-se como resultado um sujeito educativo muito mais consciente e determinado a respeito de qual professor ele é ou de qual professor ele esta construindo para ser futuramente.

Identificação com o professor e o reconhecimento do sujeito

Diante do fato de que a pesquisa foi realizada em um curso de Investigação Filosófica, vale ressaltar que, uma das definições que se tem a respeito da filosofia é de que esta se trata de uma investigação radical sobre o ser. Neste curso pensou-se sobre o ser enquanto sujeitos inseridos em uma Universidade, intercalado com a necessidade em se pensar em sujeitos constituídos por experiências e vivências singulares.

Além de realizarem atividades escritas relacionadas a eles mesmos, os alunos que freqüentaram o curso também vivenciaram o ato de falar, que nos faz indagar a respeito do ‘com quem se fala’ observado durante as aulas. Existe uma hierarquização, de forma que, alguns falavam apenas entre si, sem falar para o professor. Essa hierarquização vira do avesso no momento em que o aluno fala por escrito coisas que ele sabe que apenas o professor terá acesso, sem que outros alunos vejam. Coisas relacionadas a momentos e limitações que, agora que eles conhecem e respeitam o professor, confiam a ele a compreensão dessas vivências. Este ato de falar apenas para o professor

trata-se de uma transferência com o professor, os alunos passam a enxergá-lo numa posição diferenciada, madura, mais velha, de confiança... Vai-se agregando determinados tributos que merecem essa reciprocidade. Segundo Morgado (2002, p. 105), “O contexto pedagógico reforça essa pré-disposição psíquica do aluno à transferência definindo previamente quem irá se submeter e quem irá se investir de autoridade.”

A transferência realizada com o professor remete-nos a Matriz de Identidade proposta por Moreno (1978), onde tem-se as três fases de identificação: a indiferenciação, quando o sujeito ainda não se percebeu como um ser diferente do outro, a diferenciação, quando este sujeito se percebe diferente do outro, e a inversão de papéis, quando o sujeito consegue se colocar no lugar do outro e permitir que o outro se coloque no seu lugar. Este último traz à tona a formação como professor, onde esses alunos que freqüentaram as aulas de Investigação Filosófica e refletiram a respeito da sua própria trajetória e sobre a sua identificação como sujeitos educativos, vivenciarão um momento em que inverterão o papel com o professor, saindo de um lugar que eles tinham a idéia de professor através das discussões, recordações e vivencias a respeito do ‘professor ideal’, vivenciando um professor que é possível ser dentro da sua realidade, podendo ser bom ou ruim, dependendo do ambiente e das pessoas que eles precisarão interagir. Eles terão a consciência desse parâmetro, sendo um profissional dentro das limitações do seu contexto. Almeida (2002), ressalta que:

> Quando se trata da formação do educador, em especial de seu papel nas questões fundamentais que envolvem a transmissão do conhecimento, destacam-se os efeitos subjetivos que perpassam e de certo modo são determinantes de seu "fazer pedagógico"

Pensando na construção da identificação dos alunos a respeito de qual professor eles são ou serão, pensa-se na própria identificação do ‘ser professor’ e na construção da sua identificação como sujeito feita por eles nos seus Memoriais Educativos.

Ao retomarmos os resultados desta pesquisa, nota-se que a identificação inicial do ‘ser professor’ foi sendo desconstruída com o passar dos anos, assim como a identificação de ‘sujeito’ dos estudantes também foi sendo

distanciada desse professor, até se chegar a percepção de si mesmo e, futuramente, a percepção da possibilidade da inversão de papeis com o outro. Moreno (1978), explicita de forma clara esses estágios de construção da identidade do sujeito em 5 fases:

> A primeira fase consiste em que a outra pessoa é, formalmente, uma parte da criança, isto é, a completa e espontânea identidade. A segunda fase consiste em que a criança concentra a sua atenção na outra e estranha parte dela. A terceira fase consiste em separar a outra parte da continuidade da experiência e deixar de fora todas as demais partes, incluindo ela mesma. A quarta fase consiste em que a criança situa-se ativamente na outra parte e representa o papel desta. A quinta fase consiste em que a criança representa o papel da outra parte, a respeito de uma outra pessoa, a qual, por sua vez, representa o seu papel. Com esta fase, completa-se o ato de inversão de identidade. (p.112).

Analisando os resultados é possível perceber um professor primário extremamente presente e possuidor do saber, onde mal encontram-se aspectos negativos sobre essa figura, com identificações em sua maioria ligadas a adjetivos, sem identificações críticas ou elaboradas. A partir do Ensino Fundamental este professor também vai ganhando identidades negativas, de maneira que a sua figura vai sendo ligada aos aspectos didáticos da aula e não mais somente ao sujeito professor como referência. No Ensino Médio percebe-se uma identidade ainda mais desconstruída, onde as identificações do 'ser professor' passam a ser relacionadas à didática da aula e a própria matéria a qual o professor é responsável em lecionar, ao mesmo tempo que também existe a identificação de um professor mais 'humano' e 'amigo', mais próximo do estudante e mais distante da rigidez e da hierarquização. Acreditamos que a imagem do professor primário é finalmente desconstruída a partir do ingresso no Ensino Superior, onde, segundo a Tabela 3 – Identificação do Professor nos Memoriais Educativos, não encontra-se nenhuma referência ou citação a respeito do professor nas narrativas dos alunos no Ensino Superior.

Os alunos enfatizam o professor referência, passam pelo professor compartilhado no Ensino Fundamental, que é muito explorado no Ensino Médio através das matérias, parecendo haver, então, um choque quando chegam na Universidade, de maneira que ocorre a impressão que a figura inicial de

professor foi sendo abolida ao ponto dela sequer aparecer nos Memoriais Educativos. Quando estes alunos chegam à Universidade, dá-se a impressão que não se trata mais da mesma seqüência de ensino, significando, talvez, que há uma descontinuidade desse ensino. Quando chega-se no Ensino Superior parece que aqui encontra-se uma outra identidade de professor que já não é mais parecida com a dos professores antigos. No caso da Pedagogia da UnB, não aplica-se provas como no Ensino Médio ou nos Ensino Fundamental. As aulas e o sistema como um todo são diferentes, na Universidade prioriza-se as atividades em grupo, rodas de discussão, filmes, idas a campo... Atividades sem precedentes nas histórias dos alunos. O curso onde a pesquisa foi realizada trata-se de um bom exemplo, onde os alunos passaram um semestre discutindo sobre si e escrevendo memórias sobre a sua vida, atividades que até o momento eles não haviam tido a oportunidade de vivenciar.

Parece haver, então, um choque de realidade do papel do professor anterior para o professor atual. Parece que o aluno universitário do primeiro semestre encontra-se em um momento Indiferenciado, de acordo com a Matriz de Identidade de Moreno (1978), onde este aluno não reconhece e não se reconhece no papel de aluno, como se a Universidade ainda fosse uma continuidade do Ensino Médio, não se situando no meio acadêmico. Nesse primeiro semestre, a ausência de uma identificação de um professor ‘exige’ que os alunos identifiquem um papel do novo professor. A partir do momento que esse aluno consegue identificar esse professor, ainda leva-se um tempo para que uma opinião seja formada a respeito daquela nova identificação do ‘ser professor’ do Ensino Superior.

A partir dessa opinião, o aluno terá diferentes idéias de seus professores antigos, assim como dos professores que se relacionaram no decorrer de sua graduação. Diante disso, estes alunos terão parâmetros para diferenciarem o que esses professores foram e qual professor eles serão. Esse professor que eles querem ser não se trata mais da memória, e sim do aqui e o agora para frente, remetendo-nos a realidade suplementar de Moreno:

> Há no psicodrama acontece um tipo de experiência que ultrapassa a realidade, que oferece ao sujeito uma nova e extensiva experiência de realidade... não é uma perda, mas um enriquecimento da realidade, por meio do investimento e do uso extensivo da imaginação. (MORENO, 1965, apud MORENO et ali, 2001, p.26)

Quando o aluno imagina o professor que será, ele, na verdade, já é este professor em construção.

Breve discussão sobre o Currículo de Projetos de Pedagogia da Universidade de Brasília

Em relação ao termo 'Projetos', Bareicha (2015), define bem seu significado:

> Na linguagem cotidiana, o termo 'projeto' diz respeito a um ponto de partida ou de trânsito, e não a um ponto de chegada. O projeto de uma casa é uma planta arquitetônica, uma possibilidade de realização que visualizamos e. a partir da qual trabalhamos sua viabilização. Um projeto de dissertação ou tese, mesmo com ampla revisão da literatura especializada e descrição metodológica, não é a versão final do trabalho. (p. 39).

No ano de 2004, a Faculdade de Educação da Universidade de Brasília implementou uma mudança curricular exigida pelo Ministério da Educação com o propósito de se extinguir as habilitações do curso de Pedagogia, de maneira que transformasse o curso em uma única licenciatura. Posto isto, após um longo período de discussões, a Pedagogia da UnB decidiu por adotar um currículo de Projetos, além de possuir 60% de disciplinas obrigatórias e 40% de disciplinas optativas, o que, segundo Bareicha (2015) "permitia ao aluno a escolha de ambientes de aprendizagem conforme seu amadurecimento e seu interesse."

Esse Currículo de Projetos trata-se da concepção de uma nova pedagogia, que, diferente da antiga que colocava o aluno na posição de memorizador do conteúdo, tem como foco a formação de um aluno protagonista que seria um sujeito ativo na sua formação, um sujeito educativo crítico com opinião e posicionamento, e que continuaria a ser esse protagonista ao inserir-se no Ensino Primário.

Ao pensar no curso de Investigação Filosófica, pode-se concluir que, pelo menos no primeiro semestre, este currículo de Projetos esta sendo

efetivado, já que há o início da construção desse sujeito educativo protagonista através da sua percepção de si e dos outros, e da sua reorganização e ressignificação diante das verdades retomadas e reconstruídas. Pensa-se, então, se além de ser um currículo de Projetos, este também não deveria investir em iniciativas para que este aluno protagonista fosse, de fato, formado no decorrer do curso de Pedagogia para que, ao chegar ao fim do curso, tivesse sua própria reconstrução do 'ser professor' que ele se tornou.

Refletindo a respeito do currículo de Pedagogia, acaba-se retomando a origem desse Projeto, onde as disciplinas 'Investigação Filosófica' e 'Oficina Vivencial' tratavam-se de uma única disciplina de 8 créditos (120 horas/aula). Haveria, então, 8 créditos no primeiro semestre voltados para a reflexão e construção da identidade dos futuros profissionais da educação, considerado, talvez, uma iniciativa de investimento na formação do aluno protagonista.

Diante disso, ao se pensar nesta pesquisa, reflete-se sobre qual Memorial Educativo poderia ter sido construído através de uma disciplina de 8 créditos, tendo em vista que grandes Memoriais já foram construídos com a disciplina de Investigação Filosófica, de 4 créditos (60 horas/aula). Pensa-se em qual Memorial poderia ser construído se incluíssemos nas atividades de construção: fotografias, desenhos feitos pelos estudantes quando crianças, medalhas que ganharam, cartas recebidas, roupas, objetos guardados. Reflete-se, também, sobre qual Memorial Educativo haveria se houvesse mais do que 4 créditos (60 horas/aula) para que pudessem ser trabalhadas as questões do círculo social vivenciado (como os alunos citaram, por exemplo, a morte de Ayrton Senna ou a vitória do Brasil na Copa do Mundo) de maneira que fosse explorado como os alunos participaram desses acontecimentos, proporcionando uma experiência muito mais completa e profunda a respeito da Memória Educativa dos estudantes.

Atualmente, o Memorial Educativo passou a ser reduzido como requisito parte de um Trabalho de Conclusão de Curso. Caso o Memorial fosse recolocado no início do curso com os propostos 8 créditos para se falar e discutir filosoficamente e vivencialmente de si mesmo, teríamos um professor reorientado para as suas escolhas, com a experiência de ter realizado uma análise profunda sobre a sua educação. Teríamos um professor mais

capacitado para escolher e trilhar seu caminho com propriedade, sendo, de fato, sujeito da sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar esta pesquisa, que teve como objetivo compreender de que maneira o Psicodrama e o Sociodrama interferem na Memória Educativa dos alunos do 1º semestre do curso de Pedagogia da UnB, buscando responder ao questionamento a respeito de que forma o trabalho vivencial interfere na confecção do Memorial Educativo, percebeu-se a grande importância que a escrita da Memória Educativa possui na constituição do sujeito educacional e da identificação desse sujeito como profissional educativo, assim como a relevância da utilização de métodos vivenciais Sociopsicodramáticos como auxiliadores do resgate da memória educativa dos estudantes.

Ao deparar-me com a pesquisa, com as vivências realizadas em sala de aula e com a leitura das narrativas dos alunos, me vi totalmente impactada por todos estes recursos pedagógicos, que acabaram interferindo na minha construção do meu próprio Memorial Educativo.

Posteriormente ao meu envolvimento com esta pesquisa, havia escrito um Memorial Educativo de 4 a 5 páginas, onde minhas lembranças a respeito da Educação Infantil mal haviam aparecido. Com o decorrer das aulas e das conversas que pude acompanhar na sala de aula a respeito de variados temas relacionados à trajetória da vida escolar dos alunos, parte das minhas memórias também iam sendo resgatas. Estar presente nas vivências mesmo como apenas parte da platéia foi o suficiente para interferir em minhas memórias, ajudando-me a resgatar acontecimentos da minha Educação Infantil – principalmente – que até o momento não haviam ressurgido em minhas lembranças, contribuindo para a continuação da escrita do meu Memorial, que hoje, ao final da escrita da monografia, consta-se com 8 páginas.

Realizar esta pesquisa também proporcionou uma mudança na estrutura do meu Memorial Educativo, o qual passou a ser dividido entre os quatro períodos escolares que constituem minha trajetória educacional – Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior – de maneira que percebi a facilidade de organização e resgate da memória a partir do momento em que as etapas das vivências escolares são divididas,

permitindo a possibilidade de um aprofundamento de cada período educacional, tanto para quem escreve suas memórias, quanto para quem irá lê-las posteriormente.

Após estudar e escrever a respeito da Memória Educativa e da vivência Sociopsicodramática, tendo a consciência de todo aparato reflexivo e transformador que ambas são capazes de proporcionar através do resgate do passado – considerando a memória como algo próprio do passado - e da ação do momento – considerando o Sociopsicodrama como uma categoria que se situa no aqui-agora e aponta para o futuro – percebo-me com outros olhos como uma futura pedagoga. Compreender a relevância de toda minha trajetória educacional e ter a oportunidade de ressignificá-la me ajudou a entender e melhor situar minha identidade como profissional da educação, fazendo-me despertar para a importância e impacto que esta identidade terá no processo de formação de alunos e na constituição dos sujeitos educacionais que estes se tornarão.

Pensando na complementaridade do Memorial Educativo e do Sociopsicodrama como recursos pedagógicos, percebo uma junção de áreas que, redundamente, se complementam. Trabalhar com um dispositivo que te faz retomar vivências passadas em conjunto com outro dispositivo que auxilia a retomada mais profunda dessas vivências e corrobora para que estas possam ser reestruturadas e ressignificadas é, sem dúvida, uma colaboração recíproca e efetiva tratando-se da construção de um sujeito ativo, educativo e consciente das suas escolhas. Utilizar-se da Memória Educativa, retomando ao passado, em conjunto com a dramatização, que te traz para o presente e remete ao futuro, torna possível que o indivíduo seja amparado em todos os momentos da sua vida, perpassando acontecimentos que já passaram, acontecimentos que estão, nesse momento, sendo vivenciados, e acontecimentos que ainda se tornarão experiências - é completo, a ação complementa a memória.

Tratando-se da leitura crítica a respeito desta pesquisa, acredito que, se houvesse mais tempo para a dedicação e leitura de materiais, sem dúvida haveria um Capítulo separado dedicado ao aprofundamento da teoria Psicanalítica, já que esta é o grande alicerce da Memória Educativa.

Quanto aos desdobramentos desta pesquisa, acredito que a junção da Memória Educativa e do Sociopsicodrama poderia ser ainda melhor explorada através de uma pesquisa longitudinal, de maneira que os participantes e seus Memoriais Educativos fossem analisados comparativamente com um período maior entre as escritas Iniciais e Finais, (como, por exemplo, no início e no fim da graduação) possibilitando, também, um número muito maior de dramatizações e ressignificações desses participantes e, quem sabe, um Memorial Educativo muito mais profundo e repleto de histórias singulares.

PARTE III – PERSPECTIVAS FUTURAS

PERSPECTIVAS FUTURAS

Nada melhor que um trecho de Clarice Lispector para definir parte do meu passado, presente e, também, do meu futuro: “Sou um coração batendo no mundo.” Tudo o que fiz até aqui, todo o caminho percorrido e toda alma tocada foi feito de todo o meu coração. Por toda a minha vida fui levada pelo ritmo das batidas do meu peito e assim continuará sendo até o fim.

Este trabalho, sem sombra de dúvida, representou parte – e porque não dizer o início – da concretude de um grande sonho profissional e pessoal. Pesquisar a respeito do subjetivo humano, especificamente a respeito da memória educativa como parte desse subjetivo e o Psicodrama como ferramenta para ‘atingir’ as emoções e resgatar algumas memórias, me despertou ainda mais desejo de me aprofundar no assunto de maneira que eu chegue em um nível de conhecimento e prática que me servirão como base para poder ser, de alguma forma, uma possibilidade de base para outra pessoa.

Perceber que questões referentes a memória escolar dos futuros profissionais refletem em suas posturas e escolhas atuais, refletindo, também, nas escolhas durante a carreira e no tipo de profissional que eles serão mudou a minha maneira de enxergar o curso, a profissão e a minha visão de mim mesma quanto uma futura Pedagoga. Todos nós que estamos cursando a graduação estamos, a todo o momento, vivenciando experiências que logo farão parte da nossa Memória Educativa e que logo farão parte de quem nos tornaremos amanhã. Isso é fantástico! Estamos a todo momento compondo o profissional que seremos e isso mostra o quanto uma caminhada escolar saudável e uma caminhada acadêmica bem estruturada é fundamental para se ter um profissional que faça a diferença independente de onde ele almeja chegar.

No decorrer das pesquisas e leituras referentes a Memória Educativa e Psicodrama, pude ir compreendendo melhor o assunto e percebendo a sua importância não apenas para a Pedagogia, mas para os indivíduos em geral, que tiveram suas vivencias singulares no decorrer de suas vidas escolares e que hoje essas vivencias refletem diretamente em quem eles

se tornaram, refletindo em suas relações, suas escolhas profissionais, suas individualidades subjetivas. Poder perceber o impacto e importância das experiências escolares passadas frente ao presente e ao futuro, seja ainda na universidade ou já no mercado de trabalho é, sem dúvida, impagável e extraordinário, me sinto um tanto abençoada por poder ter tido a oportunidade de acessar conhecimentos referentes a esse assunto no meu último semestre na minha primeira Graduação.

Visto a minha grande paixão já não mais secreta a respeito do subjetivo humano e da possibilidade de ajudar pessoas através da percepção desse subjetivo e após a realização desta pesquisa, começo a enxergar a possibilidade de elencar o meu sonho ao meu curso e, de alguma forma, fazer a diferença ajudando os profissionais da educação a fazerem diferente. Afinal, resgatar suas memórias e refletir através delas é de fundamental importância para poder repensar e, se preciso, recriar o seu 'eu' profissional.

Acredito que, antes de sermos profissionais em determinada área, somos, primordialmente, seres humanos. E, como tais, somos moldados, impactados e alterados pelo nosso meio social. Tais mudanças mechem diretamente com o nosso subjetivo, podendo essas mudanças serem ora positivas, ora negativas, ora passageiras, ora permanentes.

A carreira docente traz consigo uma grande bagagem, o professor se vê abarrotado de tarefas, frente a conflitos com alunos, pais, diretores, além de toda a sua vida pessoal e, é claro, da grande responsabilidade de fazer parte – grande parte – na formação de cidadãos. Imagino, com certa aflição e incomodo, como o subjetivo desses profissionais deve estar frente a tantas cobranças e encargos. Imagino a dificuldade em manter o equilíbrio emocional, o autocontrole, autoestima, e diversos outros aspectos constituintes do subjetivo humano sem nenhum auxilio ou, muitas vezes, sem no mínimo uma escuta sensível que os ajude a nortear o caminho e se organizar de maneira que possam ser capazes de criar estratégias pessoais para superar seus conflitos internos.

Encerro esse trabalho com uma grande ideia e plano para o futuro, constituído como parte de um grande sonho: um projeto voltado especificamente para o auxílio, apoio e acolhimento de profissionais da

educação volvido para o seu subjetivo e a saúde deste, tendo a Memória Educativa e o Psicodrama como auxiliadores deste acolhimento. É fundamental que o professor seja saudável de corpo e mente, não só em benefício dele mesmo, mas também das crianças ou universitários que estarão se relacionando e se desenvolvendo em contato com este profissional diariamente. Almejo realizar uma segunda graduação em Psicologia para me aprofundar no assunto, um curso de formação em Psicanálise, juntamente com especializações voltadas para a Educação/vida docente/subjetivo. Espero, do fundo do meu coração, poder ajudar estes profissionais e fazer a diferença na vida de cada um, seja diretamente, seja através de pesquisas. As pessoas precisam de ajuda, precisam de alguém que as escute, que lhes mostre que não estão sozinhas e que existem soluções. Quero fazer parte da mudança de outros, quero ajudar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Inês Maria Marques Zanforlin Pires de. O Ser infante e o Ser professor na memória educativa escolar.. In: COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 4., 2002, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032002000400011&lng=pt&nrm=abn>. Acesso em: Nov 2015

ALMEIDA, Inês Maria Marques Zanforlin Pires de. O lugar da memória de vivências na instituição escolar e a constituição da identidade do professor: (im) possíveis conexões com a psicanálise.. In: COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 5., 2004, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032004000100033&lng=pt&nrm=abn>. Acesso em: Nov 2015

ALMEIDA, Inês Maria Marques Zanforlin Pires de. Das memórias educativas: a emergência da história singular do professor e sua relação com o saber.. In: O DECLINIO DOS SABERES E O MERCADO DO GOZO, 8., 2011, São Paulo. **Anais eletrônicos...** FE/USP, Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032010000100027&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: Nov 2015.

ALMEIDA, Inês Maria Marques Zanforlin Pires (organizadora). O lugar da memória educativa na formação de professores: uma leitura psicanalítica. 1 edição. Curitiba, PR: Crv, 2012.

BARDIN, Laurence. 1995. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

BAREICHA, Paulo. Psicodrama, teatro e educação: em busca de conexões. **Linhas Críticas**, v. 4, n. 7-8, p. 121-136, 1999.

BAREICHA, P. Grupo sócio-educativo (GS) em uma perspectiva socionômica. In: GHESTI-GALVÃO I.; ROQUE B. C. E. (Org.). A aplicação da lei em uma perspectiva interprofissional: direito, psicologia, psiquiatria, serviço social e ciências sociais na prática jurisdicional. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2010. Cap. 4, p. 527-541.

BAREICHA, Paulo; FINOTTI, Laura; TOMAZ, Loyana; TOMAZ Rozaine. (2015), “Pedagogia de Projetos: Um dispositivo para a Educação”, *In Laura Finotti, Loyana Tomaz e Rozaine Tomaz (orgs), Educação e Interdisciplinaridade: diálogos com a psicologia, a filosofia e o direito*, p. 39-50, 2015.

BERMUDEZ, J. G. R. Introdução ao psicodrama. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977.

BOHRER, Graziela Rodrigues. Dispositivos socionômicos na pedagogia de grupos socioeducativos. 2012. xii, 152 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

BOMFIM, Adriana Pereira; CHAUVET, Márcia Barra Milhomens. Memória educativa e formação docente: o lugar ou (não) lugar dos saberes nas investigações orientadas pela psicanálise.. In: O DECLINIO DOS SABERES E O MERCADO DO GOZO, 8., 2010, São Paulo. **Anais Eletrônicos...** FE/USP, Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032010000100002&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: Nov 2015.

BUENO, Belmira Oliveira; LAPO, Flavinês Rebolo. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. **Cad. Pesqui.**, São Paulo , n. 118, p. 65-88, Mar. 2003 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742003000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: Nov. 2015.

CARDOSO, Silvia Helena. Memória: o que é e como melhorá-la. **Revista Cérebro & mente-Revista Eletronica de Divulgação Cientifica em Neurociência**, v. 1, 1997. Disponível em: http://www.cerebromente.org.br/n01/memo/memoria.htm

COSTA, Sonia Glaucia. Subjetividade e complexidade na gestão escolar: um estudo de caso com participantes da Escola de Gestores 2010. 2011. iv, 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação): Universidade de Brasília, 2011.

DA SILVA, Edna Lúcia; MENEZES, Estera Muzkat. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. **UFSC, Florianópolis, 4a. edição**, 2005.

CAMPOS, Maria das Graças de Carvalho et al. Axiodrama: Uma possibilidade de resignificar o tempo e a impanciencia na pós-modernindade, 2010.

Faculdade de Educação da UnB. Documento Base da Implantação do Projeto Acadêmico (circulação interna), 2003.

FERREIRA, Consuelo da Piedade Bernardo. A expressividade no sociodrama. 2010. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação): Universidade de Brasília, 2010.

FREUD, Sigmund (1996), Etiologia da Histeria, **Obras Completas de Psicanálise** - volume III. Rio de Janeiro, Imago.

FREUD, Sigmund (1914), Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. **Edição Standard Brasileira das obras**.

FREUD, Sigmund (1969), Um caso de histeria. **Três Ensaios sobre a Sexualidade e outros trabalhos** – Volume XII, **ESB**.

GIL, Antonio Carlos, *Métodos e técnicas de pesquisa social***.** São Paulo: Atlas, 1999.

GONÇALVES, Ciro de Oliveira; PERES, Vannúzia Leal Andrade. O psicodrama na universidade: contribuições morenianas à psicoterapia em uma clínica-

escola. **Rev. bras. psicodrama**, São Paulo , v. 20, n. 1, jun. 2012 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932012000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 dez. 2015.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICODRAMA. O que é Psicodrama? Disponível em: http://www.febrap.org.br/psicodrama

LOPES, Rosimeri Bruno. Transferência e contratransferência. 2011. Disponível em: https://psicologado.com/abordagens/psicanalise/transferencia-e-contratransferencia

MINAYO, Maria Cecília de Souza (2013).et al. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Vozes.

MORENO, Jacob Levy, *Psicodrama.* Editora Cultrix, 1978.

MORENO, Zerka. T, *Realidade Suplementar E a Arte de Curar, a.* Grupo Editorial Summus, 2001.

MORGADO, M. A., *Da sedução na relação pedagógica: professor e aluno no embate com afetos inconscientes*. 2ª ed. São Paulo, SP: Summus Editorial, 2002, (140p.).

NASCIMENTO, Ducinéia Silva. O lugar da memória educativa na prática pedagógica. 2011. 63 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia)— Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

NERY, Maria da Penha; COSTA, Liana Fortunato; CONCEIÇÃO, Maria Inês Gandolfo. O Sociodrama como método de pesquisa qualitativa. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 16, n. 35, p. 305-313, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n35/v16n35a02.pdf>. Acesso em: Nov 2015.

NÓVOA, Antônio. Vidas de Professor. Porto: Porto Editora. 2ª ed. 1992.

OLIVEIRA, Alcyr Alves De, *Memória cognição e comportamento*. Casa do Psicólogo, 2007.

OLIVEIRA, Denize Cristina de. Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. **Rev. enferm. UERJ**, v. 16, n. 4, p. 569-576, 2008.

PAULO, Thaís Sarmanho e ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. Memória educativa: um elo entre o passado e o presente do ser professor.. In: PSICANALISE, EDUCACAO E TRANSMISSAO, 6., 2006, São Paulo. **Anais Eletrônicos...** Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032006000100071&lng=en&nrm=abn>. Acesso em Nov 2015.

PEREIRA, Eleonora. Tecendo diálogos entre socionomia e psicologia comunitária.**Rev. bras. psicodrama**, São Paulo , v. 17, n. 1, 2009 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932009000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em nov. 2015.

ROMAÑA, Maria Alícia. Desenvolvendo um pensamento vivo mediante uma didática sóciopsicodramática. **Linhas Críticas**, v. 4, n. 7-8, p. 11-16, 1999.

RONDAS, Augusta, *Psicanálise e educação: caminhos cruzáveis*. Brasília: Plano Editora, 2004.

SEGUNDA, Katarina Maria Matos de Lacerda. Memorial: uma escrita de si. 2011. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

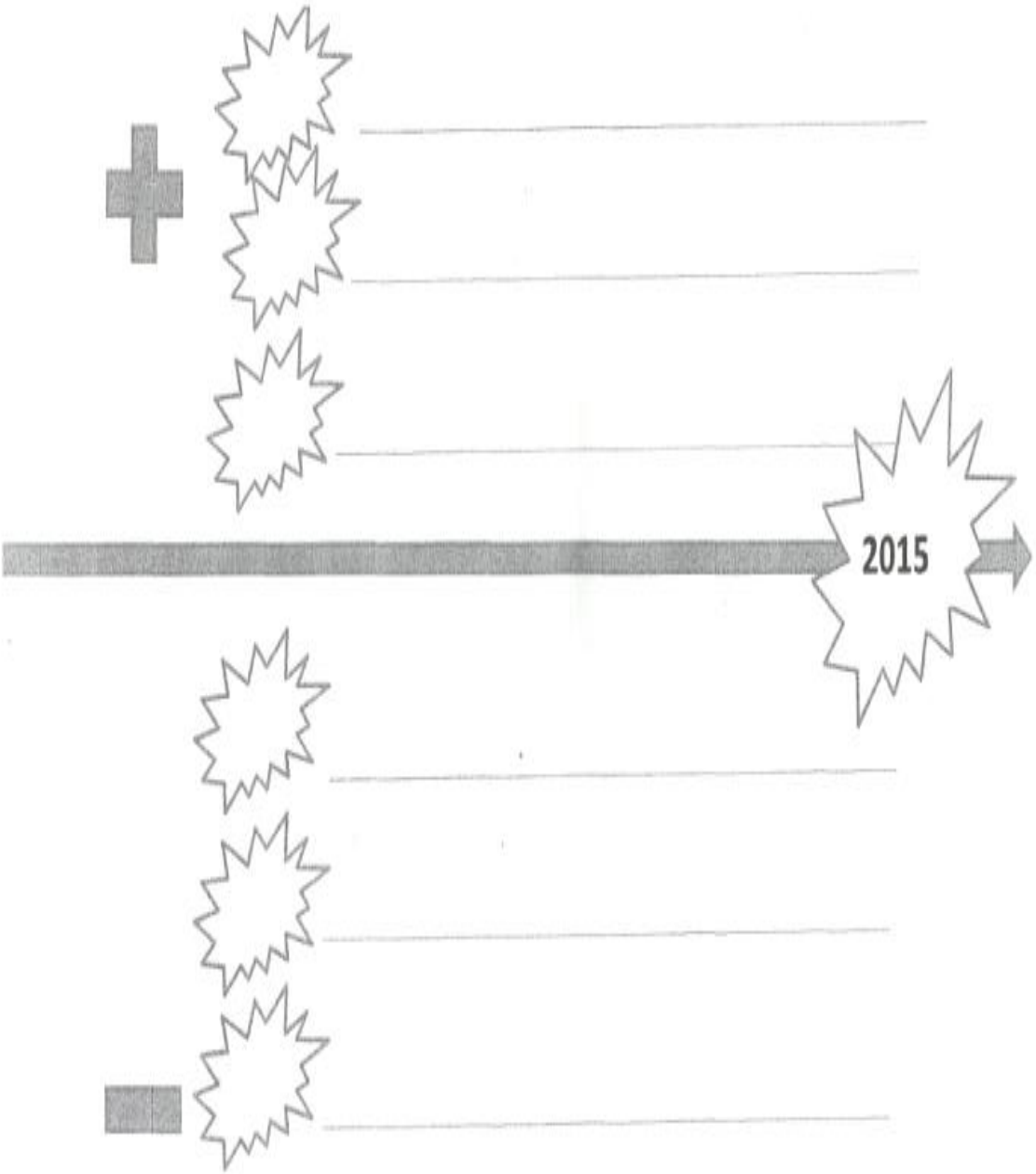
SEIDEL, Jussara Mendonça de Oliveira. O protagonista no psicodrama sócio-educacional e no teatro-educação. 2009. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação): Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

WILLIAMS, Antony, *Psicodrama estratégico: a técnica apaixonada.* Editora Agora, 1994.

ANEXO A

Atividade 1 – Apontamentos de cenas boas e ruins

FATOS IMPORTANTES EM MINHA VIDA



ANEXO B

Atividade 2 – Memorial Educativo Inicial

Esboço da MEMÓRIA EDUCATIVA

Vamos começar a contar a sua história.
Em um primeiro parágrafo, diga quem
você é e o que faz de melhor hoje.

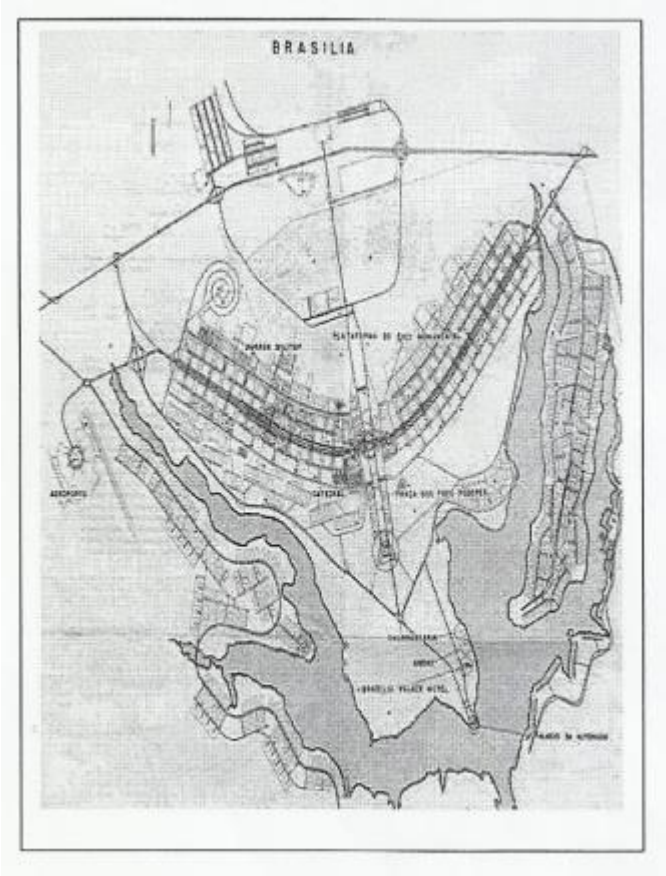
Trace um panorama geral de sua trajetória.

Vamos começar por sua linha do tempo.

Como foi seu percurso pré escolar?

E no ensino fundamental? Utilize datas,
Descreva lugares e cenas que você se recorda.

Finalmente, como foi seu ensino médio
e o início do ensino superior.



LINHA DO TEMPO

ANOS DA ESCOLA

_____2015

ANO QUE VC NASCEU

ANO CRONOLOGICO

No verso da folha faça uma redação livre apontando principalmente a data em que as coisas foram ocorrendo em sua vida e as principais pessoas que participaram dela (irmãos, pais, parentes, professores, colegas, diretores, etc).

ANEXO C

Atividade 3 – Roteiro do Memorial Educativo Final

Faculdade de Educação
Departamento de Teorias e Fundamentos
Disciplina: Investigação Filosófica
Trabalho Final
2/2015

MEMORIAL EDUCATIVO
Roteiro

PÁGINA 1 – CAPA: Cabeçalho como acima (esquerda); Titulo (TODO EM MAIUSCULO, centralizado), Nome do aluno, Matricula, Data (abaixo e centralizado).

PÁGINA 2 – SUMÁRIO (Titulo TODAS EM MAIUSCULO, centralizado). Tópicos:

Introdução

1- **Educação Infantil**

2- **Ensino Fundamental**

3- **Ensino Médio**

4- **Ensino Superior**

Referências

PAGINA 3 em diante – DESENVOLVIMENTO conforme os tópicos do Sumário.

REFERÊNCIAS (se houver alguma citação de livro, artigo, sites, youtube, etc)

LINHA DA VIDA (parte de cima: número de anos que você tem, de 0 à idade atual; parte de baixo: cronológico, o ano que você nasceu, até 2015. Na parte de cima completar com fatos marcantes em sua vida, conforme os tópicos do SUMÁRIO. Na parte de baixo complementar com fatos marcantes que ocorreram no Brasil e no mundo no período. Não esquecer de incluir: PERSONAGENS MARCANTES (professores, colegas, família, namorada, marido etc) e FATOS IMPORTANTES e, sua trajetória escolar.

ANEXO D

TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO E ESCLARECIMENTO

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Eu, _____ decido participar da pesquisa MEMORIA EDUCATIVA E SOCIOPSICODRAMA COMO DISPOSITIVOS PEDAGÓGICOS COMPLEMENTARES, e autorizo o uso das produções realizadas durante a disciplina 'Investigação Filosófica' 2/2015, para a consecução dos objetivos desta pesquisa; do mesmo modo, estou ciente de que os resultados e discussões oriundos da análise dessas produções serão apresentados em eventos científicos e divulgados em Revistas sempre resguardando minha identidade.

Declaro-me ciente e concordo com o acima exposto.

_____ Brasília, agosto de 2015.

Assinatura do Aluno